A CENA MUDA

Nº 3 — 1ª quinzena de fevereiro
Cr$ 4,00 em todo o Brasil



SENSUALIDADE NO CINEMA

A VENDA EM TODO O BRASIL O MARAVILHOSO

ALMANAQUE

EU SEI TUDO



ARTE - CIÊNCIA - MEDICINA - POLÍTICA - RELIGIÃO

CINEMA - ASTROLOGIA - HISTÓRIA - PASSATEMPO - ETC.

Companhia Editôra Americana - Maranguape, 15 - Lapa - Rio



BATE PAPO COM O LEITOR

Aqui estamos amigos leitores para mais um bate-papo nesta sensacional fase quinzenal e multicolorida de «A CENA», a mais antiga revista de cinema do Brasil.
Êste número traz para vocês a satisfação (completa) de ler a novelização de um filme americano extraído de um romance de sucesso, «Os Bravos Não se Rendem». É um cine-romance selecionado para vocês e muitos outros serão publicados brevemente nas páginas de «A CENA».
Muitos leitores andavam reclamando a presença dos cine-romances em nossas páginas e com «Os Bravos Não se Rendem» êles retornam de forma auspiciosa. Aguardem outras novelizações de filmes famosos em «A CENA».

—— // ——

Vocês certamente já ouviram falar de Edmund Purdom. Êle é atualmente o nome de ator mais célebre em Hollywood. Jeffrey Lynn, um dos componentes do «staff» de «A Cena em Hollywood», escreve um artigo sôbre Mr. Purdom, personalidade nova entre os astros americanos, apesar de inglês de nascimento. Vale a pena ler êsse trabalho sôbre Mr. Purdom.

—— // ——

Pelas cartas que estamos recebendo, vocês estão gostando (muito) da seção escrita pela «estrelinha» do cinema brasileiro, Myrian Thereza, filha de Oscarito e uma das pequenas mais inteligentes da nova geração de artistas nacionais Myrian vem, inclusive, de ganhar a medalha de ouro da crítica pela sua atuação no teatro. Uma vitória justa de nossa estimada colaboradora, cuja página está plenamente vitoriosa!

—— // ——

Prosseguindo com a série de reportagens extraídas dos «álbum de família» dos artistas do cinema, estampamos neste número o trabalho «Êle topou a parada», sôbre o «guapo» Rock Hudson, com fotos exclusivas de várias épocas da existência do querido artista da Universal. Outras reportagens do gênero serão publicadas nesta revista.

—— // ——

Recomendamos a vocês a leitura das reportagens sôbre o divórcio (próximo) de Audie Murphy; sôbre o sofisticado Mr. Belvedere, na vida cinematográfica o coreto ator Clifton Webb. Yvonne De Carlo, que é uma «estrêla» das mais bonitas, é a figura central da reportagem curiosa, «Cinqüenta Anos em Duas Horas», da série sôbre os segredos mais bem guardados» de Hollywood.

—— // ——

«Um Telefone Para Anne Francis» é o titulo de outra reportagem que publicamos nêste número. Anne Francis é uma artista muito querida no Brasil e tudo que lhe diga respeito interessa aos seus milhares de fãs brasileiros, que são também leitores de «A CENA».

—— // ——

Como vocês podem avaliar ao final dêste bate-papo, «A CENA» continua promovendo um desfile de grandes atrações em suas edições quinzenais e multicoloridas. Já programamos para o início de 1955 uma série de reportagens sôbre o cinema brasileiro. Muitos artistas do cinema nacional vão aparecer em «A CENA» e muitas revelações serão feitas aos nossos leitores.
Até a próxima quinzena!

Redator «X»

SUMÁRIO

Nº 3 — Fevereiro, 199 — 1ª Quinzena

REPORTAGENS COLORIDAS

Êle topou a parada! (Rock Hudson) págs. 4/6
Marisa Pavan 43
Um telefone para Anne Francis .. 44/45
Pierre Michel Beck 46

ATRAÇÕES MULTICOLORIDAS

A Índia Jean (Jean Peters) 23
Arlene Dahl — Eleanor Parker .. 24/25
Edmund Purdom 26/27

REPORTAGENS ESPECIAIS

Eis o novo Tarzan 15
50 anos em duas horas (Yvonne De Carlo) 18/19
Divórcio à Vista 30/31
Mr. Belvedere, o sofisticado 32/33
Sadi Cabral, artista completo 38/39

SEÇÕES PERMANENTES

Flash Europeu 7
Discos 8
Vamos Conversar? (Myrian Thereza) 9
Cinema Nacional em Foco 9
Filmes em Revista 20/21
Rádio 35
Ribalta 37
Cine-Passatempo 41

CINE-ROMANCES

Os bravos não se rendem 10/13
Mãos Sangrentas 16/17

VARIEDADES

Donna Reed 28
A volta de Phil Silvers 29
Fazendo Fita (Humorismo) ....3.ª capa
Conchita Mascarenhas .... 4ª capa

PROPRIEDADE DA :
COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

DIRETOR :
GRATULIANO BRITO

★

A CENA mantém correspondentes em Hollywood, Londres, Paris, Roma e na América do Sul. Acordos especiais e exclusivos com a «Press Cinema» e «Mondi Press».

ENDERÊÇO

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio de Janeiro — Brasil.

Publicidade	22-9570
Redação	22-4447
Gerência	22-8647
Administração e Contabilidade	22-2550
Portaria	22-5602

Enderêço Telegráfico: « REVISTA »

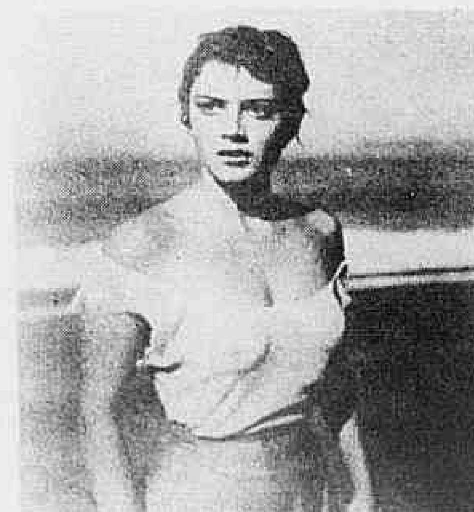
EM SÃO PAULO

Distribuição e Venda: A. Zambardino — R. Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569

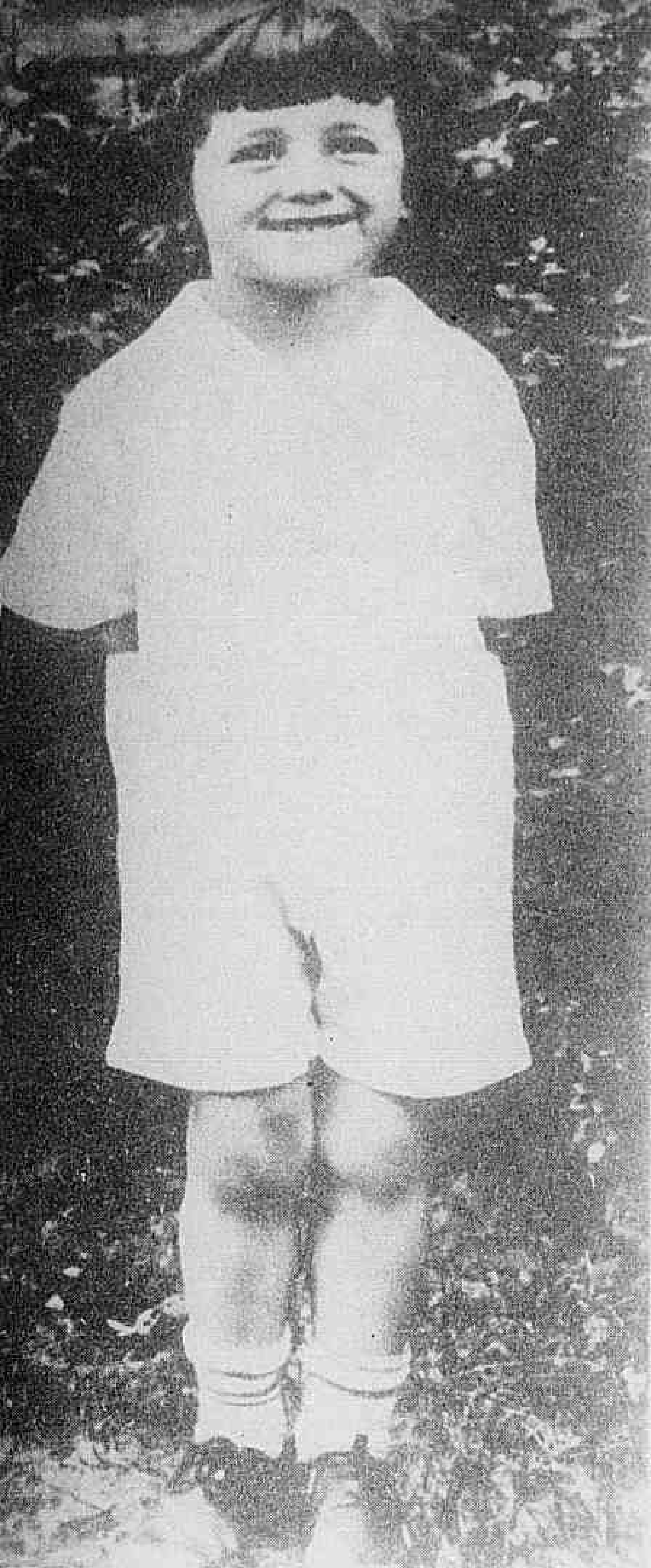
PREÇOS

Número avulso em todo o território nacional	Cr$ 4,00
Número atrasado	Cr$ 5,00
Assinatura anual (26 números)	Cr$ 100,00
Assinatura semestral (13 números	Cr$ 50,00
Assinatura anual sob registro	Cr$ 120,00
Assinatura semestral sob registro	Cr$ 60,00
Assinatura para o estrangeiro (anual)	Cr$ 180,00
Assinatura para o estrangeiro (semestral)	Cr$ 90,00

CAPA

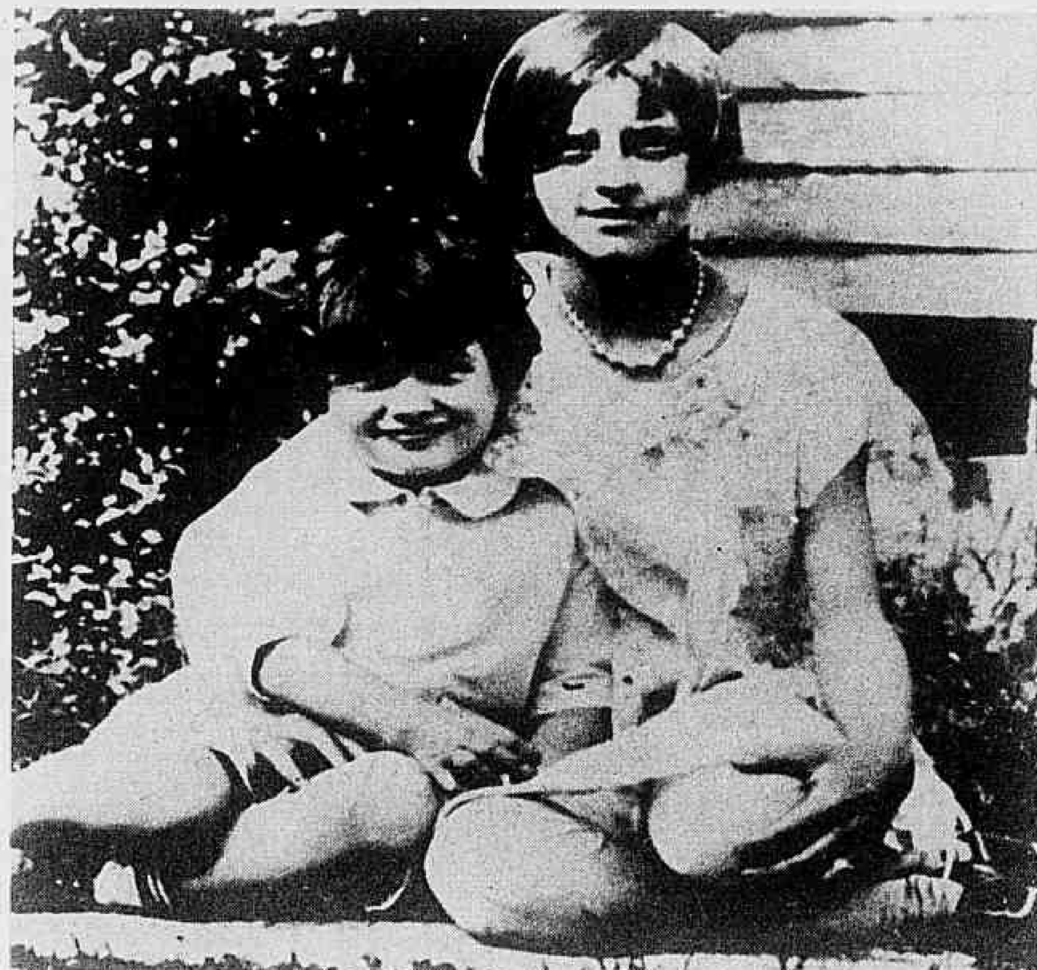


Rossana Podestá é a sensacional «estrêla» do fime mexicano «A Rêde», até agora seu papel mais sensual no cinema. Depois dêsse filme, Rossana Podestá ganhou as honras de «estrêla» e foi contratada para viver na tela o papel da fabulosa Helena de Tróia. (Foto Pelmex).



ROCK HUDSON
ÊLE TOPOU A PARADA!

O sorriso confiante do pequeno Roy Fitzgerald que o cinema transformaria anos depois no disputado «galã» Rock Hudson. Êle adora remexer o passado e rever as fotos da infância!



Roy e uma irmã mais velha que sempre o animou em todos os seus empreendimentos. Rock aprendeu depois a vencer todos os obstáculos para alcançar um sucesso que agora é muito firme!

UMA coisa determinou desde cedo o sucesso para o pequeno Roy Fitzgerald. Êle costumava topar qualquer parada e na escola onde estudou era conhecido como o «menino que não sabia dizer não». Tornou-se popular e em pouco tempo era convidado a participar das funções do grêmio e interessou-se particularmente pela arte de representar. Foi assim, no palco do colégio, o que o pequeno Roy tomou contacto com o público, êsse mesmo que anos mais tarde haveria de aplaudi-lo como um dos mais simpáticos galãs de Hollywood.

É o próprio Roy, hoje Rock Hudson, quem conta sua história, fazendo revelações interessantes:

— Quanto saí do colégio com o diploma embaixo do braço, sabia que apenas metade da jornada havia sido vencida. Outro tanto me aguardava e o pior é que eu confiava demais na minha própria capacidade, por isso mesmo aceitava serviços difíceis que me exgotavam as energias e não me enchiam (o necessário) o bôlso.

Soube, então, de uma vaga no Departamento de Correios e fui fazer minha inscrição. Se alguma profissão eu jamais pensara em exercer, era justamente a de carteiro. Para um rapaz inquieto (que fui e ainda sou) ser carteiro era passar os dias numa ocupação monótona e que a rotina tornava ainda mais insuportável.

Mal sabia eu que, como carteiro, abriria as portas para o sucesso ao trazer até minha presença um certo sr. Henry Wilson.

Eu já notara desde o início de minhas atividades de carteiro do bairro, que o sr. Wilson recebia muitas cartas e de vez em quando a empregada que as recolhia soltava um comentário muito rápido, porém esclarecedor. Ela costumava dizer: «Não sei como o sr. Wilson poderá atender a tantos pedidos!»

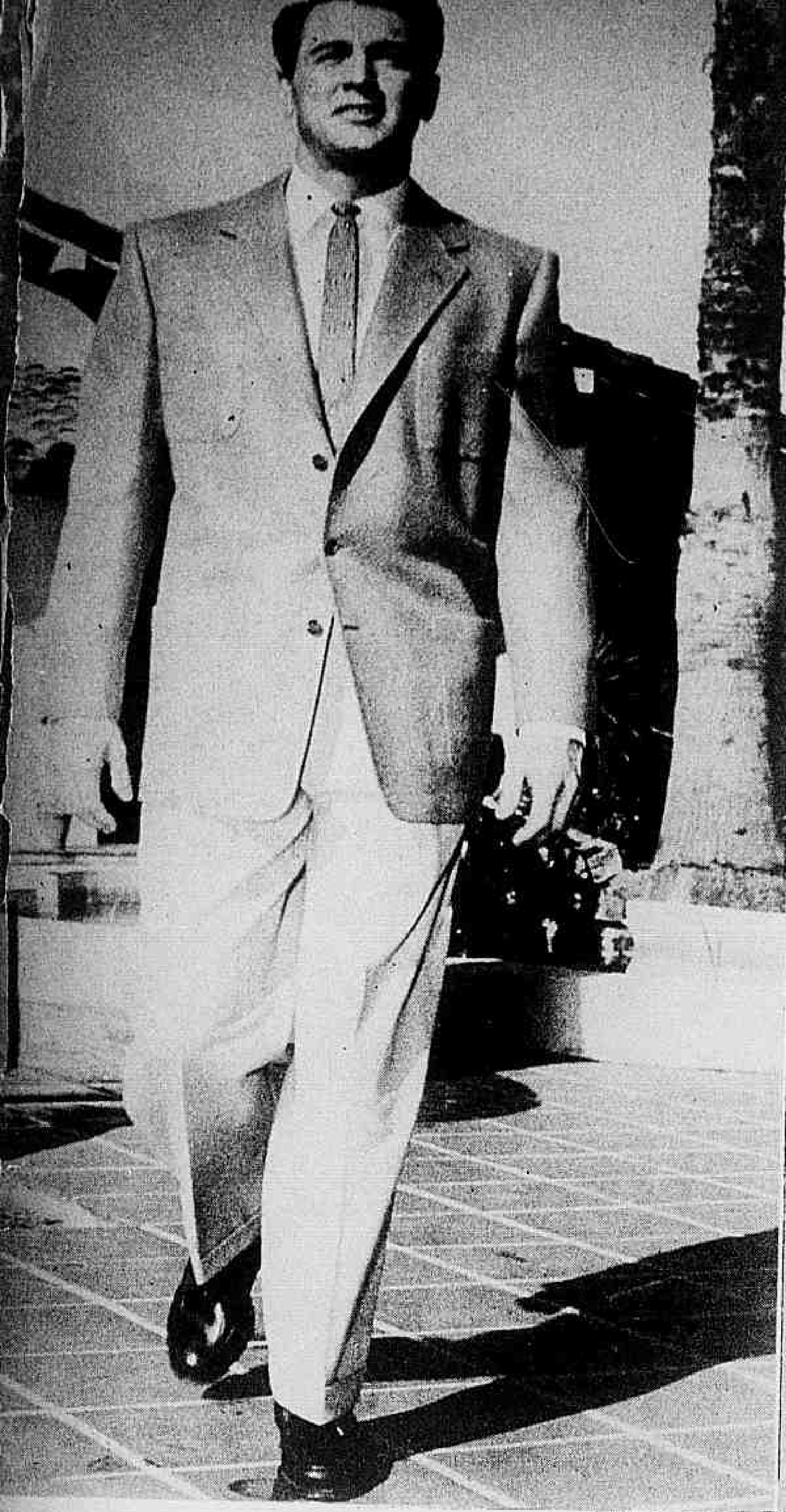
Rock Hudson é de descendência suíço-irlandesa e nasceu em Illinois. Já beijou (como galã de Hollywood) as mais lindas «estrêla» da tela, porém continua imune ao amor — Quandorapaz serviu à Marinha de Guerra dos Estados Unidos tomando parte nas batalhas de Guam. Austrália e Filipinas. Portou-se com bravura. Quando êle ainda não era ator, mas já possuía o físico e o sorriso que o levaram ao cinema, Rock costumava ser o campeão de nomoradas do bairro onde residia!











Sòmente dias mais tarde é que vim a saber do que se tratava. O sr. Henry Wilson era nada mais, nada menos que um famoso agente de artistas que fazia contratos para o cinema. Um descobridor de talentos, se me entendem.

Ora, eu andava sonhando tôdas as noites com uma oportunidade como ator. O gôsto pelo teatro eu trouxera desde o colégio e Hollywood me atraía como um mundo mágico. Meu maior sonho naquele tempo era penetrá-lo e conseguir ser um de seus cartazes. Eram sonhos, nada mais.

Na noite seguinte arquitetei um plano. Eu confiava que daria certo e realmente consegui o que tanto desejava. Enderecei uma carta para o sr. Wilson e após estudar-lhe os hábitos, parti confiante com a correspondência certo de que conseguiria que êle viesse em pessoa assinar o recibo.

Notei logo que o sr. Wilson reparara «demais» no novo carteiro e foi, então, quando num momento de audácia pedi-lhe que lesse a carta registrada que acabara de receber. Êle o fêz e já em meio da leitura havia um sorriso animador em seu rosto Mandou que eu entrasse um pouco e palestramos alguns minutos. O sr. Wilson uma semana depois enviava-me com recomen-

(Cont. na pág. 42)

Rapaz ambicioso, Rock Hudson deixa de lado o amor e pensa apenas na sua carreira em ascenção. E' um dos solteiros mais cobiçados de Hollywood. E o mais renitente solteiro, também!



Um perfil de Rock Hudson que atualmente filma em Burbank, «O Gigante», película que poderá indicá-lo como candidato ao «Oscar», tão importante é o seu papel no enrêdo.

FLASH EUROPEU



Françoise Arnould é, sem favor, o mais belo corpinho do cinema francês. Por isso mesmo é que não nos cansamos de mostrá-lo a todos vocês



A expressão da nova «estrêla» do cinema italiano Maria Pio Casilio, que faz seu primeiro papel importante em «Umberto D», é bem uma prova do talento dramático dessa artista que ambiciona muitas glórias no futuro. Muitos outros filmes seus virão ao Brasil e vocês terão ocasião de aplaudi-la na interpretação de distintas personagens. Ela faz parte do grupo de gente nova que invadiu os estúdios de Cinecittà, em Roma, para conquistar, de modo definitivo, a glória cinematográfica. Tudo nos faz crer que Maria Pio Casilio não demorará a se tornar uma artista muito querida na Itália e fora dela



Isa Barzizza, a encantadora morena de plástica arrebatadora, aparece assim em seu novo filme «Moças em Motocicletas». E como gosta de correr a nossa querida Isa!

DISCOS

RAMALHO NETO

ENCONTRO COM A SAUDADE

COMO vocês certamente já notaram, tôda esta página, é hoje, quase tôda, dedicada ao carnaval. Mas, falar de saudades em pleno carnaval? Três dias, nos quais sòmente o presente, aproveitado ao máximo, é a preocupação de tôda gente. Mas é do carnaval que temos saudades. Do tempo em que não havia só gente caída pelos jardins e cantos dos salões, num sono embalado pelo excesso de álcool, sem tantos lenços embebidos em lança-perfume, sem tantos casais, formados por gente que se conhecera pouco antes, em situações sòmente concebidas na intimidade de quatro paredes, sem a preocupação do nu, mal disfarçado por "shorts" e "bikinis", justificados pelo calor que é bem mais velho que Momo. Puritanos? Conservadores? Não, não estamos recriminando o carnaval atual. Estamos tão sòmente sentindo saudades.

Saudades daquela porta do Jockey Club, onde antes dos grandes bailes, famílias, rapazes e mocinhas se reuniam em suas calçadas formando cordões. Do corso de carros abertos que começava na Praça Mauá, formando uma corrente ininterrupta até o Mourisco. Das grandes batalhas de confete, onde o carnaval começava dois meses antes. Enfim daquela época em que se podia comprar caixas de serpentinas e enormes sacos de confetes, com o mesmo dinheiro que hoje mal dá para comprar uma lança-perfume. Época em que o carioca não deixava sua cidade rumo as montanhas e lugares isolados.

Tudo isto foi de um tempo em que não existíamos ainda na vida. Mas de qualquer forma, haveríamos de sentir saudades.

Todo êste saudosismo nos assaltou ao ouvirmos duas preciosidades lançadas em discos recentemente. Dois "long-playings", duas coletâneas do que melhor existe de carnavais passados. "Sucessos de Carnaval", da Continental, contendo vinte e três músicas e "Carnaval no Rio", da "Copacabana", êste último, orquestrado e gravado sob a supervisão de Pixinguinha, onde vocês encontrarão a saudade em forma de doze marchas, tôdas com o mesmo sabor das originais, o mesmo estilo e riqueza rítmica que caracterizaram uma época da nossa música mais popular.

"Amélia", "Aurora", "Praça 11", "Implorar", "Cidade Maravilhosa", "Pierrot Apaixonado", "Helena" e "Jardineira", são algumas das muitas músicas contidas nestes dois "long-playings".

A medida que a agulha corre sôbre o disco, vamos nos recordando de coisas que já pensávamos esquecidas, encontrando a saudade a cada instante e uma profunda tristeza se apossa de nós, tristeza por não têrmos visto uma época que dá saudades em tanta gente. (R.N.).

COISAS

Esta seção, a partir do próximo número, apresentará modificações e muita coisa nova ★ CONTRATADO pela Odeon o ex-Cantor das Multidões, Orlando Silva ★ ÂNGELA MARIA, Carmem Costa e Black-Out aparecerão no filme "Carnaval em Marte", cantando seus sucessos para Momo ★ ENCONTRA-SE em férias coletivas a gravadora Sinter!!! ★ LOGO após o carnaval, será aberta uma questão entre os Editores Vitale e Vicente Mangione. Tudo porque ambos possuem com exclusividade o contrato da música "Tem Nêgo Bebo Aí" ★ GARÔTO, o fabuloso violonista brasileiro, pretende mudar-se para os States ★ FRANK SINATRA pretende entrar para o meio "bem" dos States, casando-se com Gloria Vanderbilt, uma das maiores fortunas do país, recentemente divorciada do genial Stokowisky.

ÊSTES FARÃO SUCESSO

VOU GARGALHAR — Jackson do Pandeiro (Copacabana).
RESSACA — Zé e Zilda (Odeon).
MARIA ESCANDALOSA — Black-Out (Copacabana).
A ÁGUA LAVA TUDO — Emilinha Borba (Continental).
RECORDAR — Gilberto Alves (Copacabana).
NINGUÉM TEM PENA — Jorge Goulart (Continental).
IMPÉRIO DO SAMBA — Côro dos Artistas (Odeon).
"TEM NÊGO BEBO AÍ" — Carmem Costa (Copacabana).
TIRA ESSA MULHER DA MINHA FRENTE — Jorge Veiga (Copacabana).
NINGUÉM TEM DÓ — Alcides Gerardi (Odeon).
JUDAS — Jorge Veiga (Copacabana).
O CHÔRO DO BEBÊ — Orlando Silva (Copacabana).

LP

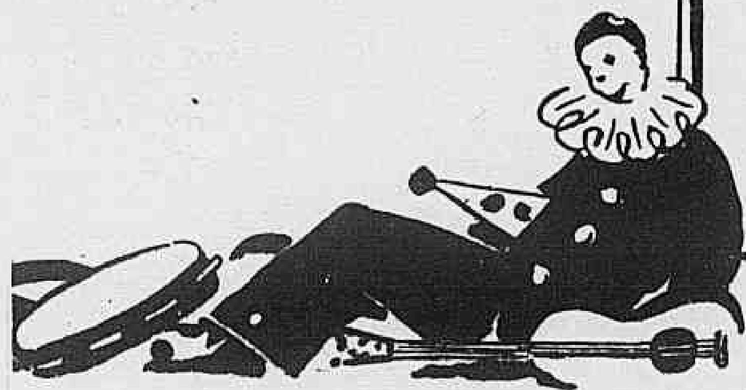
CARNAVAL NO RIO — Marchas antigas (Copacabana).
SUCESSOS DE CARNAVAL — Marchas e sambas antigos (Continental)..



JUDY GARLAND



RISADINHA: um «show» ao microfone e êxito certo nos discos.



BELDADES DO DISCO

Judy Garland, que recentemente voltou ao disco, gravando as músicas do seu filme "Star is Born", sugere aqui uma interessante fantasia para êste carnaval.

CINEMA NACIONAL EM FOCO



John Herbert é a nossa mais recente revelação de «galã». Em «O petróleo é nosso» êle conseguiu boa atuação ao lado de Adelaide Chiozzo.

● É QUASE certo que tão logo terminem as filmagens de "Guerra ao Samba", o novo carnavalesco da Atlântida com direção de Carlos Manga, sejam iniciados nos estúdios da Flama, os trabalhos de "Colégio de Brotos", que segundo consta seria uma paródia do famoso "Escola de Sereias", produzido pela Metro. Será mesmo?

● ENCONTRA-SE no Brasil a lindíssima "estrêla" argentina, Laura Hidalgo, que recebeu propostas para filmar nos estúdios brasileiros. Laura, no entanto, declinou de tais convites, pois deseja tão sòmente descansar. Depois, então, pensará em contratos. Porém não antes do Carnaval, é bom saber.

● FALA-SE que durante o Festival de Punta Del Leste a atriz brasileira Maria Fernanda andou "flertando" sèriamente com o veterano ator de Hollywood, Walter Pidgeon.

● POR FALAR em Maria Fernanda ela encontra-se em São Paulo para participar das filmagens de "Senhora", extraído do romance de igual título de José de Alencar. Uma boa escolha dos produtores paulistas.

● FADA parece que gostou do ambiente portenho e lá se encontra novamente filmando.

● HÉLIO SOUTO é o "galã" do novo filme brasileiro "Armas da Vingança" que está sendo concluído em São Paulo. Vera Nunes participa do elenco.

● MILTON RIBEIRO, o Capitão Galdino de "O Cangaceiro" de Lima Barreto, foi citado numa revista francesa como uma das maiores revelações do ano de 53.

● VANJA ORICO é a principal intérprete de "Seara Vermelha" que Alex Vianny dirigirá com fotografia de Ruy Santos, a quem se deve a realização do filme que é uma co-produção brasileiro-italiana.



Aurélio Teixeira que participa de «Mãos Sangrentas», num papel destacado.



VAMOS CONVERSAR

Miryam Thereza

Vamos conversar e muito hoje, isto é, se vocês tiverem a paciência necessária.

O dia 24 último, segunda-feira, foi um dia de contrastes para mim. Eu ria e chorava sem saber ao certo se o contentamento era maior que a tristeza enorme que eu sentia.

Há dois anos atrás, vocês viram uma família representar no palco uma outra família em que o ciúme era o ponto de discórdia entre seus membros. Nunca o nome de uma companhia teatral foi tão bem escolhido como na que tivemos. Éramos de fato tão ligados, tão unidos entre nós que a mim parecia serem aquêles meus parentes de verdade.

Mamãe, papai, meu primo Renato Restier, um possível futuro noivo Adriano Reis, meus tios Mário Brasini, Sérgio de Oliveira e minha querida titia Hortência Santos.

Pois bem, uma das minhas emoções, infelizmente a triste, foi a perda da minha tia. Ela se foi, deixando um lugar de honra no nosso teatro. A arte perdeu uma de suas mais ferrenhas defensoras e eu, meus amigos, perdi a minha tia Hortência. A senhora fará falta, tia; falta para Oscarito e família e muito mais para sua sobrinha.

Mas, meus queridos amigos, a vida é assim mesmo. Com tôda a nossa saudade e tristeza temos que continuar vivendo.

Antes que eu me esqueça, contar-lhes-ei o lado risonho do dia 24. Foi realizada às 17 horas, no salão da SBAT (Sociedade Brasileira de Autores Teatrais) a cerimônia para a entrega dos prêmios aos melhores de 53. As revelações também compareceram, entre elas, eu muito feliz por ter conquistado o diploma como revelação de atriz. Tinha muita gente, todos sorridentes e pródigos em aplausos. Honrou-nos com sua presença o sr. ministro da Educação e Cultura, dr. Cândido da Mota Filho, que aliás, encerrando a festa falou pouco mas falou bem, prometendo dar-nos todo o apoio nos momentos necessários. Reconheceu a importância do teatro na educação sadia do povo brasileiro e terminou dando aos agraciados com as medalhas e diplomas, os seus mais sinceros parabéns. Somos gratos ao senhor pelo seu comparecimento e a simpatia com que nos tratou foi a impressão mais bela e agradável que ficou em todos e em mim particularmente. Senti-me feliz porque antes de tudo, acredito ter sido um motivo de orgulho para meus pais.

Celestino Silveira (meu padrinho artístico) quando em suas palavras lembrou-me que o principal da arte e por conseguinte do teatro, é não abandoná-lo, recomeçar sempre e sempre. Senti-me assim obrigada a dar uma satisfação ao público tão gentil que me aceitou em "Cupim". Oscarito e família voltará à ribalta êste ano e se Deus quiser em abril. "Abrilremos" a nossa temporada com uma peça de autor nacional ainda em escolha. (Vocês nem notaram o trocadilho, hein?) Com as nossas próximas conversas eu irei dando-lhes tôdas as informações. Combinados?

Foi você Clélia Maria, moradora em Guaporé, Rio Grande do Sul, a primeira que conversou comigo a respeito do cinema nacional. Gostei muito de sua cartinha. O seu primeiro parágrafo, confesso que não entendi bem. Você escreve que é a favor dos que dizem — "o nosso cinema não é bom", — mas em sentido diverso de muitos outros. — Naturalmente você crê que o nosso cinema será uma realidade bem próxima, mas reconhe-se ainda insatisfeita com o que êle tem apresentado, não é isso? Você tocou num ponto realmente muito importante: a questão dos dirigentes do filme ou melhor ainda, o diretor. Eu creio que as três coisas principais para o agrado da fita são: o argumento, o diretor e os artistas. Sôbre o argumento já tive ocasião de conversar com vocês. A Clélia Maria tem razão. O cinema é um conjunto; nunca, de maneira nenhuma, poderá um filme ter sucesso apenas porque teve uma boa fotografia sem ter tido a parte artística a contento e jamais participando os melhores artistas, mas tendo um péssimo enrêdo. O cinema é um conjunto, Clélia, e por conseguinte um dos problemas é a direção. Sabe, querida, aqui não se precisa entender nada para conseguir um lugar de responsabilidade no cinema. Basta ter cara e coragem. Êstes dois fatôres são importantíssimos. Possuindo-os, logo teremos mais um maioral dentro do panorama cinematográfico.

Saber realmente do negócio, sabe-se mas com o tempo. A prática ensina muito e depois errar é humano... Imagine você, até acertarem, quantos maus filmes teremos que produzir? É isso infelizmente o que acontece aqui no Brasil. Qual será o remédio? Revoltarmo-nos? Bobagem. Desanimarmos? Nunca. Continuar lutando, falando e principalmente confiando em nossas próprias esperanças. Agradeço muito sua cartinha e quando quiser conversar de novo, aqui estarei a seu dispor. As sugestões dos bem-intencionados

(Continua na pág. 40)



CINE-ROMANCE

HERBERT J. YATES apresenta
Uma novelização de
«OS BRAVOS NÃO SE RENDEM»
(Jubilee Trail)
Em TRUCOLOR
Personagens:

Florinda	**Vera Ralston**
Garnet	**Joan Leslie**
John Ives	**Forrester Tucker**
Oliver Hale	**John Russell**
Charles Hale	**Ray Middleton**
Texas	**Pat O'Brien**
Belo Bruto	**Buddy Baer**
Silky	**Jim Davis**
Bartlett	**Barton McLane**
Capt Brown	**Richard Webb**
Rinardi	**James Millican**
Dona Manuela	**Nina Varela**
D. Rafael Velasco	**Martin Garralaga**
Pablo	**Charles Stevens**
Whitey	**Jack Elan**

UM FILME REPUBLIC

"OS BRAVOS NÃO SE RENDEM"

1 — A JOVEM VESTIDA DE VERDE

CORRIA o ano de 1845, na cidade de New Orleans. Era um ano de aventura, excitamento, e de grandes promessas para uma jovem nação que se estendia por si só, como o promissor oeste. E em New Orleans, a antiga cidade que guarda a bôca do grande e velho rio Mississipi, os aventureiros de inúmeros outros países se reuniam para traçar o destino de uma nação. Aí os espanhóis, cujos ancestrais haviam vindo em companhia de Cristóvão Colombo explorando o Novo Mundo, possuíam as suas casas e fazendas; aí os marujos e mercadores inglêses fundavam uma nova civilização. E ainda, para aí, os franceses haviam trazido a sua herança de malicia e romance.

New Orleans era uma cidade cosmopolita, em lugar onde as emoções se fundiam no fogo de uma vida dura, perigosa e a atração de uma grande recompensa. A cidade era um pôsto avançado no extremo sul dos Estados Unidos. Abaixo dela ficam as tórridas Caraibas; ao oeste estendem-se montanhas, deserto, planícies — e a Califórnia, a terra maravilhosa que só então começava a revelar as suas grandes riquezas.

O dinheiro corria livremente nessa turbulenta cidade. Era para lá que se dirigiam os trabalhadores a fim de gastar o dinheiro que tão duramente ganhavam. Com razão muitos dêles possuíam o lema: "Come, bebe e diverte-te, porque amanhã estarás morto". Por tôda a parte se encontravam cafés, cassinos, tabernas, "Music halls" e restaurantes. Alguns sórdidos; porém viam-se ali e acolá ótimos restaurantes, que serviam boa comida e tinham, para entretenimento de seus fregueses, as melhores artistas que o Velho e o Novo Mundo podiam oferecer. Dentre êsses bons restaurantes figurava o "Jardin des Fleurs", construido em estilo Provençal e famoso pela excelente comida e pelas lindas coristas. Na sua longa história, nunca houve outra maior atração que "Juliette La Tour", uma fascinante mulher de olhos e cabelos negros, vuluptuosa e cheia de verve. Os seus trajes atraiam as mulheres e as suas canções, os homens.

Certa noite sentou-se numa mesa, próxima ao palco, um jovem casal para ouvi-la cantar. Oliver Hale era um jovem musculoso e simpático e a sua casaca bem talhada parecia um tanto inadequada em um homem que, claramente, demonstrava estar acostumado à vida rude ao ar livre. Em contraste, a jovem sentada ao seu lado, possuia a delicadeza e a fragilidade das jovens que vivem sempre na cidade. As suas feições eram suavemente delineadas; o seu corpo parecia o de u'a mocinha. Possuía limpidos olhos azuis e uma bôca firme e pequena que denotava fôrça e coragem, formando um acentuado contraste com o resto de sua aparência.

Ela olhava embevecida para o espetáculo. Inconscientemente, a sua mão esquerda, que trazia uma aliança nova, brilhando sob a luz suave das lâmpadas, agarrou a de Oliver.

Quando a música cessou ela voltou-se para êle e disse:

"— Esta é a noite mais emocionante de minha vida! Nunca estive em um lugar como êste".

Seu espôso sorriu e perguntou: "— Acha-o escandaloso?"

"— Não, estou gostando", respondeu ela firmemente enquanto observava Juliette. Depois perguntou: "— Oliver, que lhe parece aquela atriz?"

Êle olhou desdenhosamente na sua direção e disse: "— Uma esplêndida cortesã".

Sua espôsa moveu negativamente a cabeça.

"— Ah, não!" protestou; "Não com êsse nome francês tão aristocrático".

Olhando para o vinho que borbulhava na taça Oliver respondeu com uma ponta de cinismo.

"— Mademoiselle Juliette La Tour soa muito bem. Aposto que o seu verdadeiro nome é Annie Jones ou qualquer coisa parecida com isso. As atrizes mudam de nome como mudam de roupa".

Um homem havia entrado nesse momento no restaurante e olhava ansiosamente para tôdas as mesas como se estivesse à procura de alguém.

Quando Oliver o viu disse à sua espôsa: "Ali está Turner. Preciso vê-lo. Com licença, querida".

Ela dirigiu-lhe um sorriso de aquiescência e Oliver saiu. Êle deveria saber que não era aconselhavel deixar, só, nos restaurantes de New Orleans, uma jovem bonita e atraente. Dois tipos dissolutos avistaram-na imediatamente e, titubiando, alcançaram a sua mesa.

Inclinando-se sôbre as cadeiras vazias em redor da mesa, olharam maliciosamente para ela. Um dêles, mais atrevido, murmurou: "Deve estar aborrecida sòzinha. Não quer convidar-nos a sentar ao seu lado? Você é bonita demais para passar a noite sòzinha..."

A jovem ficou assustada. Ela temia fazer um escândalo e desejava ardentemente que seu espôso estivesse por perto.

Entretanto alguém havia notado a sua preocupação. Juliette La Tour, que estava jantando após terminar o seu número, resolveu ajudá-la. Encaminhou-se na direção dos dois atrevidos e disse-lhes: "— Não façam isso rapazes! O marido dela é um jogador e sempre anda com dois revólveres. Tenham cuida... êle tem ótima pontaria!"

Os dois homens olharam preocupados em tôrno do salão e desapareceram tão depressa quanto haviam surgido.

Juliette riu-se ao vê-los partir. Sentou-se depois ao lado da jovem que, imensamente grata, disse-lhe: "— Como poderei agradecer-lhe, Miss... não é La Tour, é?"

"— Por que não?"

"— Meu marido disse que era um pseudônimo".

Juliette olhou de relance o cardápio e viu impresso, o nome Florinda Grove, que se referia a um dos salões do restaurante.

"— Juliette La Tour é realmente um nome suposto. Meu verdadeiro nome é... Florinda Grove".

"— O meu é Garnet; Madame Garnet Hale. Meu marido é comerciante, não jogador. Vamos à Califórnia". Respondeu a jovem.

A atriz olhou para Garnet com os olhos semi-cerrados.

"— Que lua de mel!" exclamou, finalmente.

Garnet olhou-a embaraçada e ao mesmo tempo surpreendida.

"— Como é que você soube?" indagou.

Florinda riu alto.

"— Não foi dificil de adivinhar olhando para a sua aliança e para o brilho estampado nos seus olhos"; explicou ela.

Nesse momento Oliver regressava. Ficou surpreendido ao ver sua espôsa na companhia da atriz, porém, após Garnet lhe haver contado como Florinda a salvara de um momento tão embaraçoso, êle ficou-lhe sinceramente grato.

Quando ia convidá-la para jantar com êles, viu a atriz olhar de relance através a sala. Uma expressão de terror estampou-se no seu rosto e ela fugiu assustada.

"— Com licença", foi só o que disse e saiu apressada.

Oliver procurou ver o que a tinha assustado. Um homem gordo, trajando terno escuro, com um revólver que sobressaía no bôlso de seu casaco estava estacionado ao lado do palco e olhava, inquieto, mesa por mesa, como se estivesse à procura de alguém.

Oliver sacudiu os ombros. New Orleans era uma cidade de intrigas, onde ninguém fazia perguntas... Êle deveria, pois, esquecer-se do que ocorrera. Sob a influência da boa comida, do bom vinho e sob o aconchego de seu espôso Garnet, também, quase se esqueceu logo depois da misteriosa e linda mulher que tão sùbitamente havia entrado na sua vida.

Não haveria muita oportunidade, mais tarde, de relembrar o que sucedera. A viagem para a Califórnia teria início dentro de poucos dias e Garnet tinha, até então, muitas compras a fazer. Não pensou mais no caso até a tarde seguinte, quando, ao regressar ao hotel onde

se encontrava hospedada, viu o mesmo homem gordo, que estivera
na véspera no restaurante, conversando com o gerente.
Quando passou por êles entreouviu o primeiro dizer: "— Tudo
o que sei é que viram uma morena vestida de verde entrar neste
hotel. E eu pretendo agarrá-la enquanto está aqui".

Garnet continuou a subir as escadas. No corredor ela viu, de relan-
ce, um pedaço de vestido de sêda verde. Um momento depois estava
frente à frente com Florinda. Garnet parou e acenando-lhe com uma
das mãos, enquanto apanhava a chave da porta com a outra, disse
baixinho: — "Venha comigo".

Sem exitar, Florinda obedeceu.

Uma vez dentro do apartamento e com a porta fechada, Florinda
ficou mais calma.

"— Não quero causar-lhe dificuldades, Mme. Hale", disse ela.

Garnet fêz um sinal negativo com a cabeça.

"— Você não está me causando qualquer dificuldade. Além disso,
é minha amiga. Gostaria que me chamasse de Garnet. Fique aqui até
que aquêle homem se vá!"

Florinda fêz um gesto de desespêro.

"— Mas êle não se irá sem me levar", argumentou ela com voz su-
focada. "— Êle pensa que eu fiz algo horrivel. Mas, se você me acre-
ditar, contar-lhe-ei tudo o que aconteceu quando puder falar sôbre
isso. Você sabe, eu tinha que..."

Foi interrompida por uma batida pesada na porta. Garnet encami-
nhou-se para lá e gritou:

"— Quem é?"

"— Eu. Quem é que você esperava?"

Era a voz de Oliver.

Garnet abriu a porta e êle entrou, sorrindo. Seu sorriso desapare-
ceu ao ver Florinda em pé no meio do apartamento. Confuso, indagou:

"— O que vem a ser isto?"

Antes que Garnet pudesse explicar, Florinda veio em sua direção:
"— Estou tentando fugir de um detective que me quer levar alge-
mada para Nova York".

O semblante de Oliver contraiu-se. Entretanto, antes que pudesse
dizer alguma coisa, ouviu-se nova batida na porta. Garnet, instantâ-
neamente, empurrou Florinda para dentro do quarto que ficava ao
lado da saleta em que êles se encontravam, fechando a porta atrás
de si. Oliver encaminhou-se vagarosamente para a porta.

Do lado de fora estava o gerente do hotel em companhia do ho-
mem gordo.

"— Desculpe-me, sr. Hale", começou a dizer o gerente crispando
nervosamente as mãos.

"— Deixe que eu falo!" interrompeu rudemente o homem gordo,
encaminhando-se para o interior do apartamento. "Há u'a mulher
aqui que eu quero. E' um assunto da policia". Seus olhos percorriam
àvidamente o aposento.

A porta do quarto abriu-se e Garnet apareceu.

"— De que se trata, querido?" indagou ela docemente ao seu espôso.

"— Êste homem diz que você é procurada pela policia", respondeu
êle sêcamente.

O detective dirigiu-se a êle com raiva.

"— Quero a morena, e não essa".

"— Outra mulher?" gritou Oliver. "Onde pensa que está amigo? Em
um horém? Como ousa insultar minha espôsa dessa maneira? Êste
apartamento pertence ao sr. Hale e sua espôsa".

O gerente quase tinha uma crise de chôro.

"— Eu tentei explicar que o sr. e a sra. Hale eram os únicos ocu-
pantes dêste apartamento", disse êle procurando se desculpar.

Garnet fingindo-se furiosa retrucou:

"— E' imperdoável!"

O detective, olhando-a insolentemente de cima a baixo, esbravejou:

"— O assassinato também é!"

Oliver ficou por um instante embaraçado. Voltou-se depois para
sua espôsa e indagou numa voz que fingia seriedade:

"— Você matou alguém antes de nos casarmos, querida?"

Garnet representava magnificamente.

"— Isso não tem graça!" respondeu ela. "Pare com essas brinca-
deiras e expulse êsses homens daqui!"

Oliver moveu negativamente a cabeça.

"— Mas êles poderão pensar que há um cadáver escondido no
quarto..." E' que êle havia visto Garnet fazer-lhe um imperceptivel
sinal de aquiescência com a cabeça. "Quer dar uma olhadela lá den-
tro?", indagou êle ao detective.

O policia irritado, admitiu que não seria necessário. Entretanto
seus olhos seguiram Garnet quando ela abriu propositadamente a por-
ta do quarto. Êle podia ver, perfeitamente, todo o seu interior. Estava
vazio. Com um pedido de desculpar à contra gôsto, e com uma voz
que ainda exprimia dúvidas, êle voltou-se seguido pelo gerente.

Quando êles se retiraram, Garnet foi até ao quarto, abriu a porta
do armário e Florinda, livida, saiu de dentro dêle.

"— A sra. matou alguém, Miss Grove?" indagou Oliver sèriamente.

Garnet respondeu por ela.

"— Claro que não matou ninguém! Você é tão mau quanto êsse
horrível detective".

Oliver olhou para sua espôsa. Ela havia colocado o chapéu na
cabeça.

"— Você vai fazer compras comigo, querido", acrescentou ela
firmemente.

Com um movimento de resignação, Oliver obedeceu.

Uma vez na rua, Garnet explicou-lhe o seu plano. A principio êle
achou que não daria resultado; porém depois teve que admitir que
a sua grande audácia o tornaria, provàvelmente, bem sucedido. Diri-
giram-se primeiramente a uma loja de modas, seguiu-se a casa fu-
nerária e depois o comandante do barco que cruzava o Mississipi.
Muito dinheiro foi dispendido até que tudo ficasse decidido para o
dia seguinte às nove da manhã.

De volta ao hotel Oliver explicou a Florinda o que tinha sido
combinado.

"— Compramos-lhe um traje completo de viúva. O chapéu possui
um enorme véu que lhe cobrirá todo o rosto", disse êle. "Os homens
da casa funerária virão aqui para acompanhá-la. O coche com um
caixão vazio, estará esperando na porta seguido de uma carruagem
onde você embarcará. O navio dará o sinal de partida assim que você
entrar a bordo e a levará até St. Louis. E' bem provável que nos en-
contraremos nessa cidade".

O coração de Florinda transbordava de gratidão e ela não encon-
trava palavras para expressar o seu reconhecimento. Nessa noite ne-
nhum dos três conseguiu dormir. E' que nenhum dêles se atrevia a
expressar as dúvidas que sentiam quanto às possibilidades de êxito
do plano. Podiam apenas ter esperança e aguardar os acontecimentos
da manhã seguinte.

Garnet ajudou Florinda a vestir as pesadas roupas de luto e a
colocar uma cabeleira loura. O véu cobria-a da cabeça até à cintura.
Ela achou que o disfarce estava excelente. Começou a ouvir-se o tro-
tar dos cavalos na porta do hotel. Era chegado o grande momento.
O côche havia chegado na hora exata.

Um minuto depois ouviu-se um discreto bater na porta.

"— Já vai; disse Oliver. "Tudo o que podemos desejar-lhe, agora,
é boa sorte!"

Florinda esperava ansiosamente enquanto Garnet ia abrir-lhe a
porta.

Os homens que formavam o cortêjo fúnebre estavam na porta do
quarto para acompanhar a "viúva". Antes de partir, ela expressou uma
vez mais o seu profundo agradecimento aos novos amigos. Apesar do
detective se encontrar no vestíbulo do hotel, Florinda conseguiu pas-
sar por êle sem despertar suspeitas Da janela do quarto, Oliver e
Garnet observavam a sua partida na carruagem. O plano dera re-
sultado.

Garnet encaminhou-se para o interior do quarto e viu um envelope
sôbre a penteadeira. Abrindo-o encontrou um par de brincos e um
bilhete que dizia o seguinte:

"Querida Garnet; os brincos são para você... são verdadeiros. Obri-
gada por tudo, inclusive pelo aristocrático nome de Florinda. Dese-
jo-lhe uma boa viagem para Santa Fé e Califórnia — e tôda a feli-
cidade no casamento. Sua amiga sincera, Florinda Grove".

"— Uma moça estranha" murmurou Oliver. "Você fêz tudo o que
pôde para ajudá-la". E passando os braços em tôrno da cintura da
espôsa: "Não se preocupe mais com ela. Tudo sairá bem. Nova Or-
leans é um lugar para se estar alegre e nós temos uma longa e árdua
viagem a empreender".

Garnet colocou a cabeça no ombro do marido enquanto pensava na
grande aventura que a aguardava.

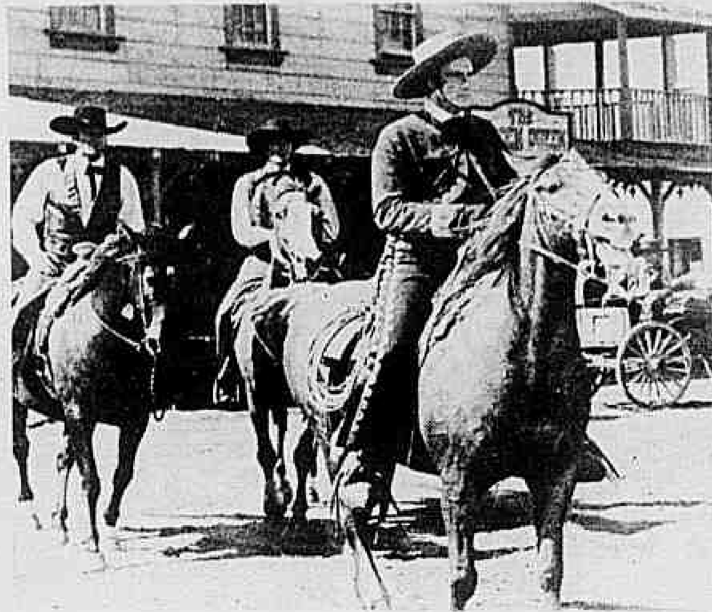
"— Califórnia", sussurrou apenas. Depois, falando mais alto: "Gos-
taria de saber o que dirá seu irmão quando o vir com uma espôsa!"

Os olhos de Oliver piscaram repentinamente.



ÊLE ME CHAMA DE PECADORA E EU O CHAMO DE SANTO. ASSIM DAMO-NOS MUITO BEM.







"— Êle gostará de você. Não se preocupe com Charles". Ao pronunciar essas palavras havia um tom diferente na sua voz que preocupou Garnet.

"— não estou preocupada", disse ela oscilante, "mas você fala como se eu devesse ficar. Por que?"

Oliver olhou-a inquieto.

"— Às vêzes Charles é difícil", respondeu êle. Depois, tornando a sorrir: "Querida, Charles e Califórnia estão longe daqui. Poderá começar a preocupar-se quando chegarmos".

E era realmente longe. Tão longe quanto não se poderia imaginar por um simples exame nos mapas que mostravam a Estrada do Jubileu rodeando, sinuosamente, um continente através de montanhas, de rios largos, sôbre desertos e no meio das planícies do oeste.

Garnet só sentiu tôda a magnificência e as dificuldades dessa grande façanha de homem aventureiro, quando, finalmente, as carroças atingiram a primeira etapa da jornada, a cidade de Santa Fé.

A caminhada foi iniciada por uma conglomeração de carroças, pelos ruidosos gritos dos homens amarrando as mulas e nervosamente cabriolando os seus cavalos.

Conforme iam deixando para trás a civilização, foi se transformando numa linha estreita que se arrastava pela face da terra. A três milhas por hora ela avançava inexoràvelmente para a frente, em direção ao ocaso. Hora após hora avançava progressivamente, guiada por uma vanguarda montada e vigiada por igual número de cavaleiros na retaguarda. Sòmente o sol causticante do meio dia e as sombras da noite faziam com que os exautos animais e os homens e mulheres cheios de fadiga, apeassem para comer, descansar e dormir.

Garnet achou a vida rude estranhamente excitante e estimulante. A princípio teve mêdo. Agora sentia que, fôsse o magnetismo que o solo virgem exercesse sôbre os pioneiros, êle se havia também infiltrado dentro de si. E foi com um ar de triunfo pessoal que viu certo entardecer, no horizonte, o esbôço das construções e o largo arrastar do Mississipi. A primeira etapa da jornada através da Estrada do Jubileu estava concluída. Êles haviam chegado a Santa Fé.

Logo que a grande caravana atingiu entre nuvens de poeira a cidade, todos os seus habitantes vieram para as ruas saudá-la. Os cães latiam excitados. Nas varandas das casas em estilo mexicano, as mulheres acenavam com lenços coloridos e, nas ruas, os homens saudavam amigos e estranhos.

Para Garnet era como se fizesse parte de um séquito. Ela viu-se acenando alegremente para o povo que saudava. A felicidade permeava tôda a atmosfera daquele lugar.

Mas havia uma nota discordante. Um homem idoso, vestindo roupas clericais, caminhava ao lado das carroças com as faces muito pálidas e com qualquer coisa de horrível estampado no rosto.

"— Arrependam-, arrependam-se", gritava êle. "Chorem, pois os seus entes queridos já pereceram!"

"— Pobre homem", disse Garnet. "E' verdade o que êle diz?"

Oliver riu-se.

"— E' o sacristão Bartlett. Êle não é realmente um sacristão. Veio de St. Louis para comprar as mulas que são usadas nas caravanas para a Califórnia. Quando bebe prega sermões sôbre a morte e a condenação!"

A aglomeração forçou Oliver a puxar as rédeas da sua carroça. O sacristão Bartlett olhou fixamente para êle e bradou:

"— Lembre-se do Juizo Final!" prerrompendo depois em soluços.

Antes que pudesse continuar o seu sermão, abriu-se a porta de uma taberna e um par de mãos o agarrou empurrando-o para dentro. Surgiu então uma mulher que segurou afetuosamente o sacristão por um dos braços.

Era Florinda.

Ao ver Garnet vibrou de alegria e, entregando o sacristão bêbado aos cuidados de um transeunte, encaminhou-se para a carroça onde a moça se encontrava.

"— Esperava encontrá-la aqui, Garnet" — disse ao cumprimentá-la. "Você deve estar surpreendida com êle..." Ela olhou em direção à porta por onde entrara o sacristão. "Contratou-me em St. Louis. Queria uma pessoa honesta como governante".

"— Parece que você pulou da frigideira para dentro do fogo", replicou rindo, Oliver. "Está segura?..."

Florinda sorriu.

"— Êle me chama de pecadora e eu o chamo de Santo. Assim damo-nos muito bem".

As carroças que iam na frente começaram a andar, e Oliver, depois de haver dito à Florinda qual a casa em que êle e Garnet se hospedariam, pôs também o seu veículo em movimento.

Garnet adorou a espaçosa e antiga casa construída em estilo mexicano onde seu espôso arranjou acomodações. A velha e gorda dona de casa só falava espanhol; e Garnet, que estava aprendendo êsse idioma com Oliver, ficou radiante por ver que poderia formar e entender frases simples. Ela percebeu que havia uma atmosfera de inquietação na cidade.

"— E' que a caravana da Califórnia está atrasada", explicou Oliver. "Com John Ives no comando não há motivo para preocupação, mas a demora me incomoda. Queria que John fizesse um embarque de mercadorias para Taos. Agora eu mesmo terei que ir, esta noite". Êle tomou entre as suas, as mãos delicadas de Garnet. "Passarei três ou quatro dias fora, querida. Agüentará a separação?"

"— Não vou gostar", replicou Garnet, "mas não se preocupe. Espero que Florinda venha me fazer companhia".

Garnet não precisava por dúvida quanto a isso. Logo que Florinda soube que a sua amiga estava só, passou ao seu lado todos os momentos disponíveis. O tempo passou rápido apesar do crescente alarme devido a falta de notícias da caravana vinda do oeste.

Entretanto, certa noite, já de madrugada, um cavaleiro chegou à cidade galopando. Êle gritava agitadamente em espanhol. Ao ouvirem os seus gritos, as portas e janelas se abriram e o povo aglomerou-se na praça.

A caravana da Califórnia estava próxima da cidade. Garnet foi para a rua junto com a multidão. Sob a luz obscura do lampião localizado no fim da rua os primeiros cavaleiros começaram a aparecer, com os casacos marrons transformados pela poeira em cinzentos e com grandes fardos de mercadorias balançando sôbre cada flanco do animal. Na frente, montado num cavalo que se empinava delicadamente e com a confiança de um ardente cavaleiro, vinha um homem vestido com o traje típico dos pioneiros. O seu rosto estava tostado pelo sol e pela areia, seus olhos faiscavam com brilho e a sua bôca e queixo denotavam firmeza de caráter.

Parecia absorto às aclamações que eram exclusivamente dirigidas a êle — ao homem que havia conduzido a caravana.

Apeando, êle amarrou seu cavalo e olhou em redor. Aproximou-se de Garnet e disse em espanhol:

"— Senhorita, sabe onde posso encontrar Oliver Hale? Tenho uma carta para êle".

Êle falou depressa e Garnet não pôde acompanhar as suas palavras. Achando que o silêncio da moça era por ignorar o paradeiro de Oliver, êle olhou-a admirado e prosseguiu:

"— Por que não está na praça? Nenhum dos visitantes lhe trouxe um beijo da Califórnia? Mas não se importe, eu lhe darei um!"

Êle inclinou-se e beijo-a no rosto com os braços passados ao redor da sua cintura.

Garnet sentiu um rubor subir-lhe às faces.

"— Deixe-me ir", gritou ela, involuntàriamente, em inglês.

John Ives ficou surpreendido.

"— Ah! Fala inglês! Não é uma das filhas de José Silva?" perguntou êle.

"— Não", respondeu Garnet arrogantemente.

"— Sinto muito", disse John. "Estou à procura de Oliver Hale. Meu nome é John Ives".

"— O sócio de Oliver?" indagou Garnet suavemente. "Dê-me a carta. Sou a sra. Hale".

O rapaz olhou-a com incredulidade.

"— A sra. Oliver Hale?" perguntou êle. "Que gafe! Queira desculpar-me".

Garnet sorriu.

"— Naturalmente... Não falo espanhol muito bem..."

"— Falarei com Oliver logo que êle voltar", disse John. Em seguida, olhando-a firmemente perguntou: "Planeja acompanhar-nos até à Califórnia?"

"— Sim", respondeu ela.

Êle desviou o olhar.

"— A viagem é longa e difícil". Sua voz parecia perdida. "Boa noite, sra. Hale".

Garnet bateu-lhe, delicadamente, no braço.

"— O senhor disse que tinha uma carta para o meu marido".

"— Um recado. Nada importante", respondeu êle e saiu apressadamente de perto da moça.

——o——

Garnet não pensou mais nessa mensagem. Ela não estava presente quando Oliver regressou e John Ives aproveitou para lhe fazer entrega de uma carta fechada. Oliver abriu-a e começou a lê-la, pronunciando alto as suas palavras:

"Querido mano Oliver: Aconteceram muitas coisas depois que você partiu e acho aconselhável contar-lhe tudo. Entrei em contacto com aquela pessoa de que falamos e fiz os arranjos para o seu casamento com Carmelita". Êle parou por um momento de ler e olhou para John. Era óbvio, devido a atitude tomada pelo seu amigo, em esperar a sua volta para fazer a entrega da carta, que êle estava a par de seu conteúdo. Vagarosamente Oliver resumiu a sua leitura. "... assim convertendo uma tragédia em triunfo. Como dote tem muitas terras. John Ives lhe contará os pormenores. Seu devotado irmão Charles".

John principiou a falar, mantendo o seu rosto virado.

"— Quando nasceu o bebê de Carmelita", murmurou êle, "disseram que vocês estavam casados secretamente. Seu irmão prometeu à família Velasco que você se casaria com ela..."

"— Que posso fazer. Já sou casado. Não posso deixar Garnet aqui. Nem tampouco contar-lhe isto e mandá-la de volta".

John voltou-se e olhou-o fixamente.

"— Você terá que contar-lhe tudo, aconselhou êle.

"— Não! Não posso", retrucou Oliver. Depois, dirigindo-se para si mesmo. "Vou levar minha espôsa à Califórnia", disse firmemente. "Charles terá que saber que o seu inteligente plano não deu resultado".

Sentindo-se aliviado, após ter tomado essa decisão, Oliver saiu à procura de Garnet. Nos poucos dias que se seguiram, antes que a jornada para a Califórnia tivesse início, êle não a deixou perceber a torrente de perturbações que corriam no seu cérebro.

Havia muito o que fazer durante o dia na compra de mantimentos, mulas e cavalos. À noite eram despendidas muitas horas em diverti-



APARECE

O 11º TARZAN NOS

ESTÚDIOS DA RKO RÁDIO

COM a terminação do contrato e desistência de continuar a protagonizar o famoso papel de Tarzan, o herói das selvas, deixou Lex Barker a vaga para quem em melhor forma se apresentasse ao produtor Sol Lesser. Diversos «tests» foram feitos com inúmeros pretendentes à vaga tão ambicionada. Entre os quinze finalistas, um se distinguiu pelo seu formidável físico, reunindo todos os atrativos do elemento másculo, com a ligeireza necessária para o papel. Êsse homem chama-se Gordon Scott e é o mais jovem de uma família com mais onze filhos. Seu nome real é Fordon M. Werschwal e êle nasceu na cidade de Portland. Tem 1,85 de altura e pesa 86 quilos; seu tórax mede 48 polegadas. Ingressou na Universidade de Oregon aos 18 anos deixando após ter terminado o curso de Educação Física para juntar-se à Infantaria do Exército Americano. Quando deixou o serviço militar em 1947, era membro do Batalhão da Polícia Militar. Trabalhou por um ano no Departamento de Incêndio do Hospital da Marinha de Oak Knoll; aperfeiçoou-se como vaqueiro na fazenda de seu mano. Foi passar as férias em Las Vegas e ali descoberto pelos agentes de Sol Lesser que o levaram a Hollywood. Gordon não tem superstição alguma, considera os esportes como seu melhor passatempo, dança admiràvelmente, sendo a rumba a de sua preferência e ainda é... solteiro!

Eis o Novo Tarzan



Gordon Scott já como Tarzan no seu primeiro filme.



CINE-ROMANCE

MÃOS SANGRENTAS

Adriano (Arturo de Cordova) encontra no amor da cantora (Tônia Carrero) a paz perdida...

NA Ilha Verde, no litoral brasileiro, um cabo da guarda do Presídio local ordena a formatura dos prisioneiros que seguirão, como castigo, para o corte de lenha, sob as vistas de outros policiais e do enérgico e místico Chefe de Disciplina. Êste, com atitudes superiores, chama o presidiário Adriano para sair de forma e pretende pregar-lhe moral e religião. O Chefe. que é metodista, deseja por todos os meios converter os presidiários. Citando fatos e recorrendo ao Evangelho, o Chefe diz a Adriano: «Você confessou o seu crime às autoridades, mas isso não basta. É necessário o remorso, que é a vergonha diante de si mesmo. Jesus disse: Não matarás... Você tem um filho, não é? E você matou a mãe de seu filho. Isso é um crime diante de Deus. E você deve arrepender-se. Porque êste sangue está nas suas mãos. E Deus não deixará que essas mãos ensanguentadas acariciem o seu filho. E o manchem.»

«Bacana», «Tigre», «Negro», «Carioca» e «Passarinho», todos companheiros de prisão, temem que Adriano — levado pelo Chefe — não volte a tempo de dirigir a fuga planejada para êsse dia. No corte de lenha, um prêso medroso é vítima dos seus nervos, precipitando a fuga. Os presidiários atacam o depósito de munições, assassinando alguns guardas e soldados e fazendo uma algazarra demoníaca. É atacada a escola infantil, a Professôra protege os alunos. Adriano reúne-se aos seus e com «Bacana» e «Goma», na luta, matam o Chefe de Disciplina, que profetiza, então: «Vocês se afogarão no meu sangue, porque assim está escrito!»

Durante a refrega, as celas dos demais detentos são abertas de par em par, fugindo todos em tropel. Os amotinados carregam pertences leves, cachaça, mantimentos e as roupas dos soldados mortos. Adriano e um grupo garante a vida das mulheres e das crianças, conforme prometem ao Diretor na ocasião: mas, a seguir, o Diretor é aprisionado e cessa a resistência legal. Os detentos se apoderam de vários barcos, brigam entre si por transporte, matam-se e conseguem, vários, chegar à praia mais próxima. Enquanto isso, o soldado de nome «Cachorro», salva o Diretor, solta-o e descobre, com a polícia, o paradeiro de outros presos, que logo se rendem — não fugindo por falta de transporte.

No continente um pescador e um garôto confundem, de longe, os presidiários com turistas mas, a uma rajada de metralhadora partida dos barcos reconhecem os fugitivos e correm a dar o alarme. Há uma luta, por motivos fúteis, entre «Carioca» e «Bacana». Cessada a luta, com a intervenção de Adriano e do velho prêso «Senador», os fugitivos abandonam a praia em diversas direções, abrindo caminho na mata a golpes de facão e machado. Alcançam os postes do telégrafo e continuam organizados na fuga, até ai, com turnos e turmas de trabalho revezado. Na véspera da noite de S. João, chegam a um povoado onde há festejos. Rodeiam, silenciosamente, um botequim e o invadem.

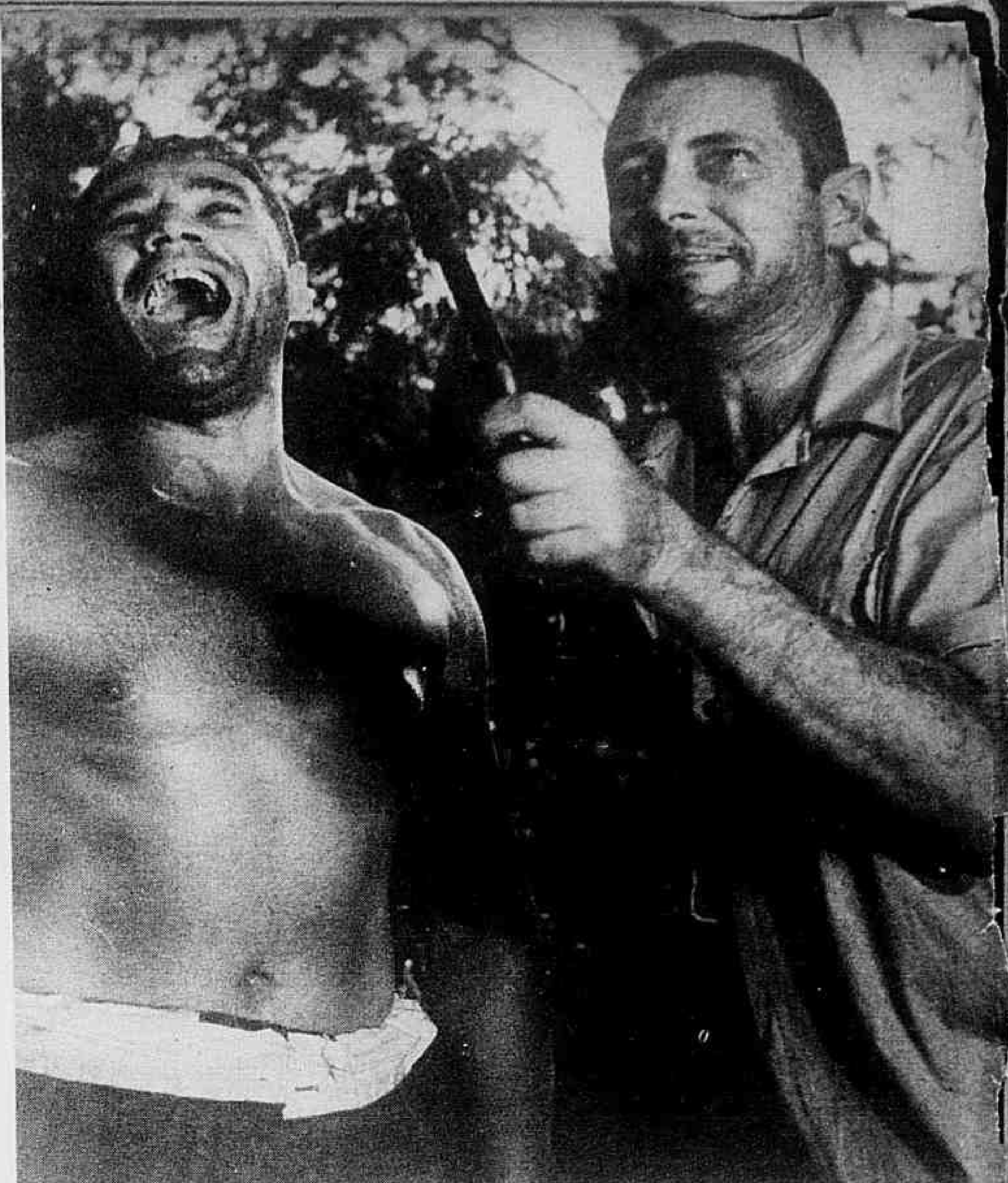
«Senador» e «Carioca», dois fugitivos...



... sedentos de vingança contra a sociedade!



«Tigre» (Carlos Cotrim) planeja assumir o comando dos presidiários fugitivos. Precisava eliminar Adriano!



Há, ali, uma mulher cantando e vários fregueses. «Senador» e «Tigre» penetram com seu grupo no depósito para roubar. Cessa a música, os aldeões estão aterrorizados. «Goma» derruba um bêbado, Adriano ordena o prosseguimento do baile. Os pares, após ligeira hesitação, recomeçam a dançar. Outro grupo de presidiários, com «Senador» à frante, assalta um armazém e todos enchem os alforjes. A cantora do botequim simpatiza com Adriano e o leva para sua casa. Nessa ocasião, numa estrada próxima, passam viaturas da polícia à procura dos criminosos.

Os presos fazem um forrobodó medonho no botequim, ébrios que dançam e soltam palavrões. De repente «Bacana» descobre que a polícia está chegando e avisa aos companheiros. Estabelece-se o pânico. «Tigre» tenta manter a ordem a seu modo, em vão. «Bacana», «Senador» e «Tigre» dão o sinal para a fuga; Adriano, que estava com a mulher no rancho, desperta com os tiros. Os policiais conseçuem metralhar alguns presidiários, matando-os. Um guarda vai à casa da cantora onde Adriano estava: a mulher protege o presidiário, enganando o policial. Adriano fica surpreendido, pois possui um velho recalque de que tôdas as mulheres são falsas e indignas de confiança.

Após despedir-se da cantora, Adriano foge. A polícia apanha «Carioca», que é insultado pelos habitantes da localidade, sobretudo as mulheres, com quem fôra muito atrevido. Os presidiários estão reduzidos a 15. Adriano reencontra-os num bananal e restabelece a sua chefia, obtendo o ódio implacável de «Tigre».

«Urubu» é ferido no braço, quando alcançam uma clareira. Ao descansarem, notam a aproximação de soldados. Preparam-lhes uma tocaia. Há um violento corpo a corpo entre dois soldados, «Senador» e outro prêso. Novamente escapam e se internam na mata. Cada vez mais o grupo se reduz. «Senador» falece na refrega. Em outra parte «Cachorro» continua com o seu «faro» auxiliando os soldados.

Agora restam 13 fugitivos. Sabe-se que os demais foram mortos ou aprisionados. Quando chegam a uma plataforma saliente, Adriano se detém e os mais próximos o imitam. Em baixo, ao pé da colina, existe um rancho claro, entre as ramagens. Adriano ordena a «Goma» que desça e faça uma «limpeza». Enquanto isso «Urubu», atacado de gangrena, geme de dor. «Goma» tenta entrar em contacto com um maturo e cai vítima de uma cilada policial. É interrogado pelo tenente, chefe da captura. «Goma» denuncia os companheiros. Instruído pelo tenente, ameaçado de morte, «Goma» volta para onde estão os companheiros e tenta trazê-los ao rancho. Mas Adriano desconfia e manda «Bacana» acompanhar «Goma» de volta à casa. «Bacana» cai vítima da armadilha. «Goma» regressa ao morro e ainda, com cinismo, tenta enganar os presidiários. Nisto, cambaleante e coberto de sangue, chega «Bacana» que acusa «Goma» de o haver esfaqueado. «Goma» quer fugir, no que é impedido pelo Prêso nº 4, que o derruba com espetacular rasteira. Com o revólver de «Tigre», ajudado por Adriano, «Bacana» liquida «Goma». E morre em seguida. O grupo volta a penetrar na mata, fugindo aos guardas. Restam 11 presidiários.

Adriano continua sendo o chefe. «Urubu», quase morto pela gangrena, é abandonado pelos demais. O prêso nº 4 tivera um ôlho vazado por um espinho e teme, agora, ter a mesma sorte de «Urubu». Disso se aproveita «Tigre» para minar-lhe a resistência e a dos demais companheiros, tentando a sublevação de todos contra Adriano, com o fito de assumir o comando. Atormentado pelo sol escaldante, pela fome, pela sêde e apavorado ante o espectro da gangrena, o Prêso nº 4 apoiado pelos outros, recusa-se a prosseguir e propõe a Adriano que se entreguem, antes que morram à míngua. Adriano, metralhadora em punho, recusa a proposta, chamando-os de covardes, de «galinhas». Deixando porém que os outros retornem, Adriano obriga «Tigre» a prosseguir a viagem sob a mira de sua metralhadora, sempre à sua frente. Esbofeteia-o, quando «Tigre» o acusa de medroso.

Ao entardecer cai um grande temporal. Êste cessa e êles chegam próximo aos postes do telégrafo novamente. «Tigre» tenta liquidar Adriano à traição, mas erra o tiro e leva tremenda surra do companheiro. Na noite seguinte, desvairado pela febre que o ataca, Adriano amarra o companheiro (que é mordido por uma cobra) e caminha a êsmo pela mata. Tropeçando entre touceiras e ramos que se interpõem no caminho, êle segue, extenuado, com o fito de alcançar o objetivo da sua fuga: rever o filho. Cai à beira de uma rodovia. De manhã, descoberto por um menino, pastor de cabras, levanta-se e tenta falar à criança;

(Cont. na pág. 42)

«MÃOS SANGRENTAS»

Produção de **Artistas Associados.**

Produtor: **Roberto Acácio**

Elenco: **Arturo de Cordova, Tônia Carrero, Sadi Cabral, Carlos Cotrim, Heloisa Helena, Jackson de Souza, Manoel Pêra, Aurélio Teixeira, Gilberto Martinho, Lisete Barros** e muitos outros.

Direção de **Carlos Hugo Christensen.**

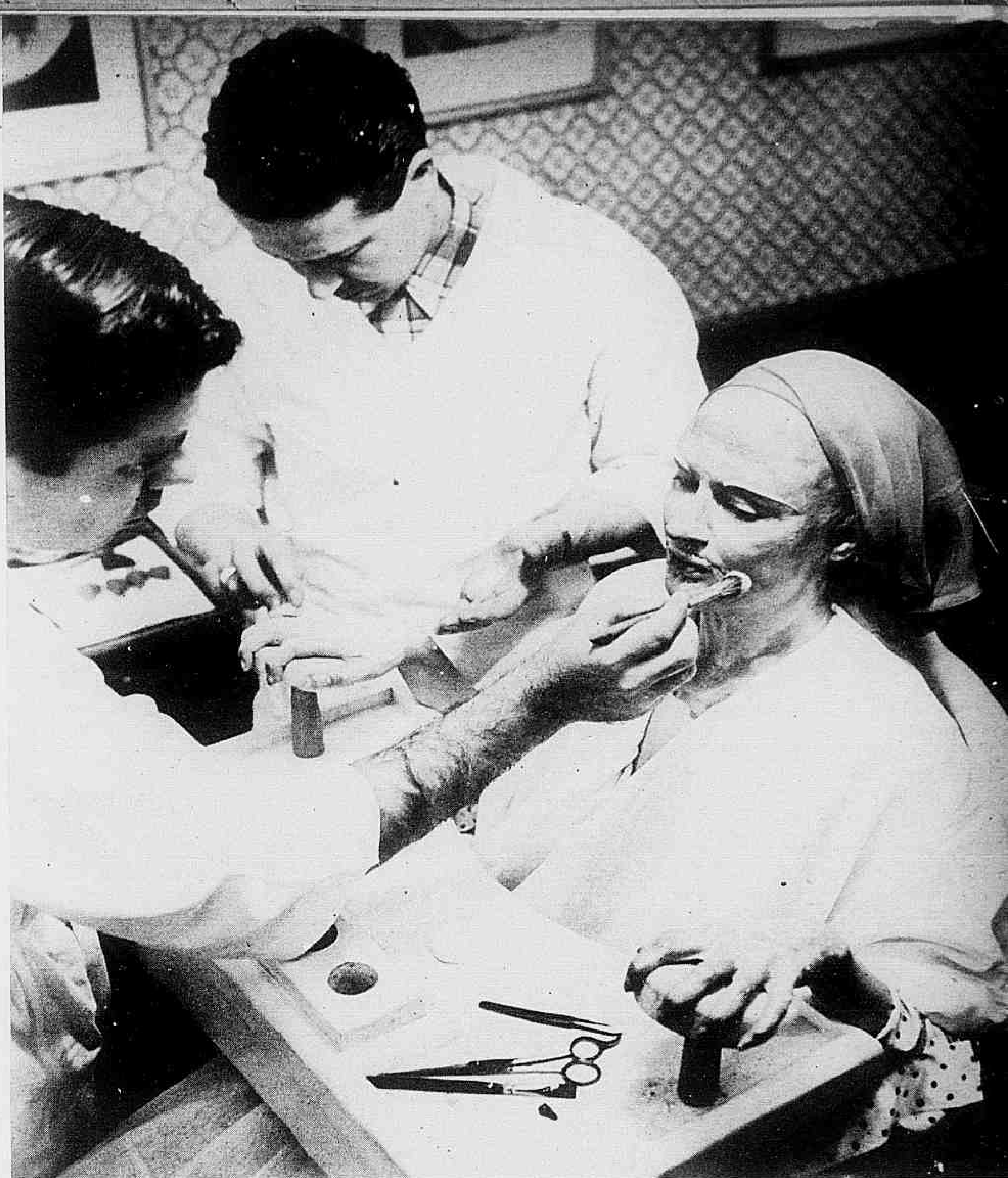


Apoiado por Adriano, Bacana (Ramiro Magalhães) acusa «Goma» de trair o grupo para matá-lo depois, violentamente!

50 ANOS em duas horas



BUD WESTMORE TRANSFORMOU A BELA YVONNE DE CARLO EM UMA VELHA DE 75 ANOS ★ A ARTISTA ACHOU EMOCIONANTE ÊSSE TRABALHO QUE CUSTOU AO ESTÚDIO TRÊS MIL DÓLARES!



TODOS os artistas de Hollywood conhecem muito bem Bud Westmore. É o supervisor da maquilagem e dos trajes da Universal; tem uma experiência enorme dêsse setor, pois há quinze anos trabalha no mesmo estúdio. Entre os técnicos de cinema é êle um raro exemplar de pessoa que gosta dos jornalistas e não se nega a conversar com êles sempre com prazer. É provável que êsse prazer da palestra êle o tenha adquirido com o hábito de fazer maquilagem, tal como os barbeiros que não dispensam um «bate-papo» durante o trabalho. E o seu assunto preferido são as dificuldades do seu ofício, a criação de máscaras de acôrdo com os cenários, a transformação completa da fisionomia dos artistas.

YVONNE AOS 75 ANOS

— Qual foi a caracterização mais difícil que você fêz no ano passado? — perguntamos ao simpático Westmore.

— A de Yvonne de Carlo, em seu último filme. Você conhece essa bela moça que tem hoje 25 anos. O cenário do filme exigiu a transformação de Yvonne em uma velha senhora de 75 anos. No filme, ela é uma personagem de coração e espírito sempre moço; mas, com o passar dos anos, seu rosto se transforma.

Êsse trabalho exigiu muita imaginação e uma colaboração integral por parte de Yvonne. Na véspera do comêço da rodagem do filme, fizemos um ensaio da caracterização. Com a aplicação dos modernos metodos de maquilagem, consegui cobrir de rugas o rosto de Yvonne; tornar os olhos fatigados; cobrir de massa plástica as sobrancelhas e esconder a pálpebra inferior com uma côr branca.

OS CABELOS

— Resolvemos não usar cabeleira e realizamos o tom grisalho com um pó especial que se conserva bem e pode ser lava-

(Cont. na pág. 42)



Duas fases distintas da «operação Yvonne» que a transformou numa velha de setenta e cinco invernos. Uma vitória do maquilador Bud Westmore, um mágico de Hollywood!

ALBERTO
SIMOENS
BELLO

FILMES EM REVISTA

«ROMANCE DE AMOR»

(Romanzo d'Amore) — Art Filmes

Toselli, melodista popular, tal como outros músicos tem a sua vidinha contada nesse filme. que fatalmente, toma suas liberdades e nos apresenta o seu «caso» com a princeza Luísa, da Saxônia, e êste personagem interpretado por Danielle Darrieux polariza a atenção dos espectadores mais do que Rossano Brazzi como «Toselli». Faltou-lhe mais imaginação no desenvolver de sua interpretapão e ficou, por isso, meio contrafeito. Os demais, discretamente, pois a direção de Dúlio Coletti não deu nada de novo a êsse filme que sem Danielle teria sido um fracasso. «Rimpianto», melodia que nossas avós executavam ao piano, está presente, muito mais presente que o diretor. Cotação: Regular.

★

«HEIDI»

(Heidi)) — Columbia

Esta é a segunda versão que assitimos da obra de Johanna Spyri, escritôra suíça, que nos traduz com imensa poesia uma lenda sôbre sua terra com profunda humanidade e um grande sentido da alma infantil. Já havíamos visto um velho filme de Shirley Temple e agora assistimos a essa película assinada por Luigi Comencini, o mesmo realizador de «Pão, Amor e Fantasia», que soube, ainda dessa vez. captar com inteligência e sensibilidade o sentido telúrico contido nessa obra de renome universal. Esbelth Sigfund é uma menina-atriz e atriz de raça. Não tem o «estrelismo» de Shirley Temple, mas vive a suah eroína com doçura e simplicidade, coisas que nos chegam ao coração. Willy Birgel e Theo Lingen são atores tradicionais e que desde muitos anos não víamos na tela. Deve ser visto por grandes e pequenos. Cotação: Bom.

★

«OUSADIA DE VALENTE»

(Crossed Swords) — United Artists.

«Viva Filmes» foi realmente muito viva em apresentar-nos a bela Gina «Nazionnalle» Lolobrigida junto de Errol Flynn neste pouco significativo filme dirigido por Milton Krims, diretor obscuro, que nada mais fêz do que deixar o filme rodar. Dizem que o filme foi custeado por Errol Flynn, bem acabadinho e com sinais evidentes de olhos empapuçados e outros pormenores provenientes do tempo e dos pileques. O filme pertence a essa diva italianíssima, Gina, e ao fotógrafo Jack Cardiff, que nos faz aceitar o Pathé-Color. Elenco distribuído entre gente apagada, inclusive, Nadia Grey, aqui apagada pelo glamour «astradorizante» de Gina. Cotação: Aceitável.

★

«SUA MAJESTADE. O AVENTUREIRO»

(His Magesty, O'Keefe) — Warner

A careira de Burt Lancaster pode ser dividida em duas partes diferentes; a parte primeira, em filmes comerciais, (geralmente bons), onde êle faz alarde de seus punhos, de sua agilidade acrobática e de seus dotes físicos, enfim; a segunda, a mais relevante, onde êle se mostra um artista dramático de envergadura e fibra, capaz de comover com apenas um gesto ou uma expressão. Esta sua nova película, «Sua Magestade, o Aventureiro» está enquadrada naquela primeira seleção. Aceitamos o filme tal qual é e vibramos com seus saltos e suas aventuras. Atualmente em Hollywood, Burt mantém o cetro neste gênero de filmes, superando o próprio Errol Flynn. Aqui assistimos a uma maratona de murros, lutas e correrias, mas o filme tem, também, outras qualidades, para compensar a parte não desenvolvida que o argumento sugeria, relaxada pelos argumentistas ou não aproveitada pelo diretor, Byron Haskin. Entre as qualidades, ressaltamos a partitura musical de Dimitri Tiomkin, apesar de certa dissonância, funciona em favor do ambiente exótico das ilhas Fiji. Idem o colorido e a esplêndida fotografia de Otto Heller.

Sôbre os demais intérpretes, que Burt Lancaster involuntàriamente eclipsa, admiramos a beleza selvagem e tropical de Tessa Prendergast, que suplanta Joan Rice, algo deslocada na história. Os demais papéis foram entregues a artistas mais ou menos desconhecidos, tais como, Phillip Ahan, Lloyd Barrel, Abraam Sofaer e outros. Bonitos exteriores fazem-nos lembrar as histórias de Joseph Conrad... Cotação: Bom.

«A FONTE DOS DESEJOS»

(Three Coins in the Fountain) - 20th Century Fox

Um grande elenco, um grande diretor, uma bela melodia, uma impecável fotografia e um bom argumento não fizeram, contudo, um grande filme, mas apenas uma obra agradável e comunicativa, a que o fã asiste prêso da primeira à última cena. Tem pelo menos duas cenas muitíssimo bem construídas, tais como aquela em que Dorothy McGuire faz com com que Clifton Webb lhe peça a mão em casamento e a outra em que êste ator vai visitar Louis Jourdan para induzí-lo a casar-se com Maggie McNamara. Nessas duas cenas, Negulesco mostra-se digno de ser considerado como um Diretor capaz de toques «lubischteanos», bem como de manejar um elenco de tantos valores ao mesmo tempo, como nesse caso em «A Fonte dos Dejesos». onde vemos Clifton Webb, vivendo um escritor totalmente preocupado com a forma de sua literatura e esquecido de viver, do que se encarrega a sua secretária, vivida magistralmente por Dorothy McGuire, seguida de perto por outro bom ator, Louis Jourdan. Jean Peters, com menos oportunidade que «La» McGuire e mais do que Maggie McNamara, apagadinha, mas simpática, completam com Rossano Brazzi, (também apagado), o elenco dessa agradabílissima película de Negulesco. Gostamos da balada que dá o título original da obra, cantada por Frank Sinatra. Lindas, as vistas de Roma e Veneza, muito bem aproveitadas pelo CinemaScope, através da mão segura do fotógrafo Milton Krasner. Trata-se de um filme totalmente filmado na Itália e narrando uma tradição da Fonte Trevi, com toques humanos e sentimentais. Gostamos, igualmente, da partitura musical de Victor Young, bem como da já comentada balada de Jule Styne e Sammy Cahm. Um bom filme para iniciar 1955. Cotação: Muito Bom.

★

«O FANTASMA DA RUA MORGUE»

(Phantom of the Rue Morgue) — Warner Brothers

Se os fãs vão ver ou procurar o ambiente macabro das novelas de Poe, estarão decepcionados, pois ali nada vemos do genial escritor americano. Tem uma vaga e estranha coincidên-

O FILME DA QUINZENA

"QUANDO A MULHER ERRA"



O «astro» da quinzena.

(Indiscretion of an American Wife) — Columbia

A Columbia começou com o pé direito o ano de 1955. Êste filme dirigido por De Sica, que muito se assemelha com «Desencanto», de David Lean, se desenvolve numa atmosfera angustiosa, nos asaslta o coração e nos faz desejar um final feliz, o que no caso seria ilógico ou desdobraria-se em outras situações, estruturando, então, outro filme e, assim, não teríamos esta condensação de um drama vivido em pouco mais de um par de horas dentro da estação Termini, em Roma, oposto daquilo que é a nossa «organizada» Central... (eu, heim?...) Um dos bons momentos é a cena em que Jenniffer Jones recebe uma bofetada no meio da estação perante vários grupos, que reagem, ìntimamente. em cenas focalizadas com agilíssimo ritmo. O reencontro está bem apresentado até a cena «climax» do vagão solitário. Pequenos «suspenses» dão uma seqüência total de tensão e, isso, nos faz desejar, não já um final risonho, mas a volta da heroína ao lar pacato. Inútil é o prólogo, òtimamente cantado por Pat Page, que Wong Howe fotografou com maestria e que Cameron Manzies, apenas, assinou o seu valioso nome na direção. Nada acrescenta ao filme e isso manifestou o grande público que lotava (ou superlotava) o «Azteca» na noite em que fomos assistir ao filme de De Sica. Jenniffer Jones, boa atriz nos dá outra boa atuação na sua vasta galeira de heroínas dramáticas. De Montgomery Clift só podemos dizer que vive com todo coração e sensibilidade o personagem que lhe coube e lá se vai o rapaz para a «Galeria». Gino Cervi atua com correção, mas discretamente. Paulo Stoppa, idem. O garôto Richard Bleymer aparece e, por momentos, centraliza a atenção. Umo boa película de De Sica, que também foi o produtor e contou com a colaboração de Cesare Zavatini, Luigi Chiarini e Giorgio Prosperi, bem assim como os inteligentes diálogos de Trumam Capote. Música funcional e adequada de Allessandro Cicognini. Bela fotografia de Aldo Tonti. Jenniffer usa um único traje e para tal aparece na tela o nome de Dior, traje discreto e digno de uma senhora que arranja um «affaire» sentimental, muito astradorizante... Ao meu lado uma criatura «cocasse» declarou, suspirando: «Preciso ir a Roma e encontrar um professorzinho igual...» Aviso aos navegantes: não tinha aliança. Ou esqueceu-a em casa, tal como faria se fôsse até Roma... (A.S.B.) Cotação: Muito bom.

ALBERTO SIMOENS BELLO

FILMES EM REVISTA

cia com o total do famoso conto e, se conserva algo, é apenas na parte truculenta da violência, assim mesmo deturpada. Para quem não conhece a obra, o filme poderá agradar pela curiosidade, também despertada pela Terceira Dimensão. Roy Del Ruth não era homem para dirigir esta coisa insonsa e pouco fêz para dar uma total atmosfera de pavor. Atores com capacidade ficaram imerecidamente rídiculos, tais como Karl Malden, Claude Dauphin e Anthony Caruso, enquanto que Patrícia Medina, Allyn McLerie e outras, comparecem; Steve Forrest é um cominho bem tolinho... Agradará aos fãs pouco exigentes, mas o filme não merece uma análise, mesmo porque tem pouco para se analisado. Cotação: Regular.

★

«PRINCESA SEM COROA»

(Penny Princess) — Universal-International

As primeiras seqüências prometiam algo mais que «para inglês ver», isto é, para a gente rir, mas, «Princesa Sem Coroa» é apenas uma fitinha que nos transmite um alinhavado de anedotas ou piadas com puro espírito de revista humorística londrina... Faltou mais agilidade, mais malícia e um pouco de pimenta, não «Schinnitzi», mas algo mais gaulês. Dick Bogarde e Yolande Doland fazem o que podem pelo filme e em parte compensam o sacrifício de assistir a essa fitinha dirigida, escrita e produzida por Val Guest, que não soube tirar a neblina londrina das piadas e por isso sentimos, longìnguamente, o «fog», apesar de estarmos em pleno janeiro... Aceitável Technicolor. Tudo discreto. Cotação: Regular.

★

«O MORTO VIVO»

(The Assassin) — London Filmes

Típico filme inglês com qualidades peculiares do gênero policial, dosado com inteligente «suspense» e que agrada, podendo ser visto pelos fãs, mesmo porque o filme está bem realizado e bem desempenhado por artistas inglêses. Richard Todd, ainda sem a popularidade conferida por Hollywood, é secundado por Eva Bartok e seguidos por um elenco de elementos proveitosos. Bom tema e bem desenvolvido sob a direção correta de Ralph Thomas. Elogiável a foto. Música discreta e funcional. Bonitas as vistas de Veneza, que muito se presta para a atmosfera misteriosa do argumento. Cotação: Bom.

★

«OS CONTOS DE HOFFMAN» (Reapresentação)

(Tales of Hoffman) — London Filmes

Elaborado por dois esforçados homens do cinema inglês, Emeric Pressburger e Michel Powell e inspirado na ópera de Hoffenbach, esta produção de inegáveis qualidades contém seus altos e baixos, que não impedem de se tornar «Os Contos de Hoffman» uma jóia de cinema. Foi uma lástima que esta reapresentação sofresse tantos cortes, principalmente no último conto, isso sem já mencionar a famosa tesourada que sofreu no «Conto de Antonia». Mas, por outro lado, lá estão os toques coreográficos de Frederick Ashton e os «decors» impressionantes de Hein Heckroth, exaltados pela bela fotografia de Christopher Challis. Havia mais sensibilidade em «Os Sapatinhos Vermelhos», filme mais esmerado e inteligente. Moira Shearer, Leonide Massine, Robert Helpmann, Ludimila Tcherina, Edmond Audan, Pamela Brown, Robert Rousenville e outros formam o elenco desta obra agradável de ser vista. Cotação: Bom.

★

«O SEGRÊDO DAS JÓIAS» (Reapresentação)

(The Esphalt Jungle) — M. G. M.

Uma das obras mais representativas do famoso diretor John Huston que nos desvenda emaranhados destinos de um grupo de assaltantes e seus conflitos pela posse de um roubo de meio milhão. Notáveis os personagens e todos bem interpretados, formando uma galeria inimitável e perfeita. Obra de equipe, pois cada detalhe mereceu um agudo e marcado estudo, que sob o pulso de Huston resultou num grande filme. Lástima que não tenha sido reprisado nos três cines Metro, ainda mais agora, época de «abacaxis». Todo o elenco em plena forma e assim, Sterling Hayden, Louis Calhern, Jean Hagen, Marilyn Monroe, Marc Lawrence, Sam Jaffe, James Whitemore, Anthony Caruso e outros. Esplêndidas cenas e bem fotografadas por Harold Rossen; sensível acompanhamento musical de Miklos Rosza. Cotação: Muito Bom.

★

«O LADRÃO DE BAGDÁ» (Reapresentação)

(The Thief of Bagdá) — London Filmes

Produção de Sil Alexander Korda sob a direção de Michael Powell, Tim Whelan e Ludwig Berger, que contaram com bons elementos dos estúdios inglêses para darem realidade a esta fantasia oriental, indubitàvelmente, a melhor do gênero, agora em plena decadência. Truques bem feitos fornecem a atmosfera de irrealidade. Ótimos desempenhos de Sabu, Conrad Veidt, June Duprez, John Justin e Rex Ingram. Boa a partitura musical de Miklos Rozsa. Um filme que não envelheceu e, que por certo, irá figurar nas antologias sôbre cinema. Cotação: Bom.

★

«CORREIO DO INFERNO» (Reapresentação)

(Rawhide) — Fox

Numa sufocante atmosfera de «suspense» se desenvolve uma história vivida em 24 horas num pôsto isolado no meio do deserto. Isto bastou para que Henry Hathaway nos desse um filme vibrante e dirigido com pulso vigoroso sôbre um grupo de artistas «difíceis» como Tyrone Power, nem sempre feliz em suas atuações, cheio de maneirismos, mas dessa vez atuando com brilho, ainda que em bons momentos superados por Susan Hayward, atriz de raça. Outros difíceis: Hugh Marlowe, Dean Jegger, Jack Elam e George Tobias, que compõem o grupo de assaltantes. Edward Buchaan, Jeff Corey e outros em atuações funcionais. Boa a partitura de Lionel Newman e esplêndida fotografia de Milton Krasner. Cotação: Muito Bom.

★

«UMA GARÔTA DE SORTE»

(Three Sailors and a Girl) — Warner

Um musical que repete a eterna história da conquista do estrelato por uma menina bonitinha e que baila bem. A princípio tudo difícil e depois, sopa no mel e ei-la estrelíssima, astradorizantíssima... Tema que já não traz surpresa e que a direção de Roy Del Ruth não disfarçou ou que a coreografia de Le Roy não teve inspiração. Jane Powell faz fôrça, Gordon McRae, idem e Gene Nelson quase idem, mas Sam Levene, nem idem... Melodias comuns e **tudo o mais, comuníssimo**. Se V. gosta de Jane, ainda sai compensado, mas se não gosta, gostará menos, ela está mais gordinha, fazendo concorrência Maria Antonieta Pons e outras roliças dançarinas da tela... Cotação: Regular.

★

«BOMBEIRO ATÔMICO»

(El Bombero Atómico) — Columbia

Repetição de tudo quanto Cantinflas já fêz. Que poderia êle fazer sob a «direção» de Miguel M. Delgado? Nada. Para os fãs menos exigentes do ator mexicano, que nada tem de genial como muita gente quer afirmar. Cômico de recursos, assim mesmo, limitados. Completam o «cast» Roberto Soto, Rosita Quintana e outros «ilustres». Cotação: Fraco.

★

«UMA MULHER CHAMADA MARGARIDA»

(La Mujer de las Camelias) — Argentina Sono-Filmes

Inùltilmente baseado na obra de Dumas, «A Dama das Camélias», êste filme argentino de tal maneira se distanciou do «inspirado» livro para dar-nos uma outra obra com vagos pontos de contato. Quantos filmes já não vimos com temas idênticos e que nem sequer mencionaram Dumas? Algumas dúzias ou centenas... Êsse: também, poderia ter dispensado aquela chamada de atenção para o nome do glorioso escritor francês. O filme se mantém num clima dramático novelesco, rotineiro e sem nada de novo, resultando aquelas cenas de surrealismo em algo inesperado e deslocado. Ernesto Arancibia não deu mais rendimento nem na direção nem na cenarização. Zully Moreno, sempre linda, melhora como atriz. Carlos Thompson melhor no cinema argentino que no que já fêz em Hollywood. Santiago Gomez Counoutro vilão elegante e cínico. Mona Maris surge, ainda, bela e expontânea. Os demais elementos recrutados no teatro e rádio-teatro argentinos, aproveitáveis. Assiste-se com agrado, mas sem emoção. Há cenas passadas em Paris, onde os personagens falam francês, o que dá um toque de autentidade, num filme feito todo num «set» portenho. Cotação: Aceitável.

★

«RASTROS DO INFERNO»

(Inferno) — 20th Century Fox

O único filme feito em Terceira Dimensão pela Fox, sob a direção de Roy Beker, que se restringiu ao argumento e contou com o talento de um ator, Robert Ryan e de uma atriz, Rhonda Fleming, numa de suas boas «performances», mostrando que pode fazer coisa melhor. Bons momentos de «suspense». Uma realização que prende o espectador e que merece ser vista. William Lundigan, Larry Keating, Henry Hull, Carl Betz, Robert Burton, Everrett Glass, Adrianne Marden, Bárbara Pepper, Harry Carter e Robert Adler figuram como coadjuvantes. Boa partitura musical de Paul Sawtell sob a regência de Lionel Newman. Fotografia (em côres) de Lucien Balard. Reparem nas cenas em que Robert Ryan atua em solos. **Bom artista! Cotação:** Bom.

★

«RAPSÓDIA»

(Rhapsody) — M. G. M.

A beleza é uma questão pessoal e a opinião sôbre ela é uma coisa muito intrínseca, personalíssima. Isto vem a propósito da tão decantada beleza de Elizabeth Taylor, que em nossa opinião nada é de extraordinário. Pelo contrário, comuníssima. Falta-lhe vida interior. Tem seus ângulos favoráveis, mas isso também tem Kat Hepburn, que não tem beleza, mas tem aquela outra coisa e muitas outras coisas mais que Elizabeth não tem, moraram? Fui ver o filme e acabei fechando os olhos. Ouvi apenas a música. Boa música. Bons solistas. Refiro-me a Cláudio Arrau, Michael Rabin e a orquestra que ouvimos no filme. Uma «pochade» com Rachmaninoff, Tchaikowsk, Debussy, Sarasate e Saint-Saens, passando, ainda, por Mozart, Beethoven, Liszt, Chopin, Paganini, Mendelssohn e Von Weber, sem esquecer uma canção popular flamenga. O público feminino vibrou com os vestidinhos de Elizabeth, com os arroubos de Vittorio Gassman com a figura atlética de John Ericson. Louis Calhern numa atuação falha de psicologia, seguido por Barbara Bates, Michael Chekow, Richard Hageman, Richard Lupino, Célia Lovsky e outros. Bonito colorido. Se V. está com vontade de ouvir boa música, não perca, mas se tem um modesto toca-disco e alguma preguiça... vá, ainda, porque o filme agrada e Charles Vidor chega ao fim com o final que V. esperará. Cotação: Bom.



insinuante
é a maior e melhor sapataria da America Latina e é tambem uma galeria a sua disposição com agua geladinha sempre as suas ordens.

186 — CRS 98,00 — "Ratapá": Num. 25 a 32 — Lindo tamanco de rafia-palha em diversas côres. Grande novidade!
187 — CRS 45,00 — "Lonita": Num. 25 a 32 — Bonito tamanquinho em lonita de fantasia. Côres lindíssimas!
188 — CRS 100,00 — "Tecilástico": Num. 32 a 39 — Lindo tamanco em lona elástica fantasia. Muito bonito!
189 — CRS 195,00 — "Ratapá": Num. 32 a 39 — Bonito tamanco anabela de rafia-palha em lindas côres.
190 — CRS 195,00 — "Ratapá": Num. 32 a 39 — Lindissimo tamanco de rafia-palha. Côres bonitas e variadíssimas.
191 — CRS 100,00 — "Tecilástico": Num. 32 a 39 — Formidável tamanco em lona elástica de fantasia. Lindíssimo!

Remetemos para todo o Brasil. Porte por par 10 cruzeiros.
Não fazemos reembôlso postal.

CARIOCA, 46-48
SETE DE SETEMBRO, 199-201

AT. SEMOG

A ÍNDIA JEAN

A beleza de Jean Peters não necessitou até hoje dos filmes em relêvo para impressionar os fãs. Ela é muito linda, mesmo em filmes lisos e vivendo na tela uma variedade de tipos. Jean foi a moça dos pântanos num filme de Negulesco; depois a vimos como mulher volúvel e diabólica. Sempre linda, Jean resistiu a todos os «closes» e ganhou mais admiradores. Em «O último bravo», Jean faz o papel de uma índia e nunca estêve tão bonita. Isso prova que a beleza de Jean sempre aparecerá, por mais ingratos que sejam os tipos que lhe derem para viver. Como índia, Jean está simplesmente encantadora! (Fotos United Artists)

JEAN PETERS
É SEMPRE A MESMA
LINDA MULHER
EM TODOS OS FILMES!

Aqui está Jean Peters caracterizada como índia para o seu papel em «O Último Bravo», com Burt Lancaster.



ARLENE DAHL

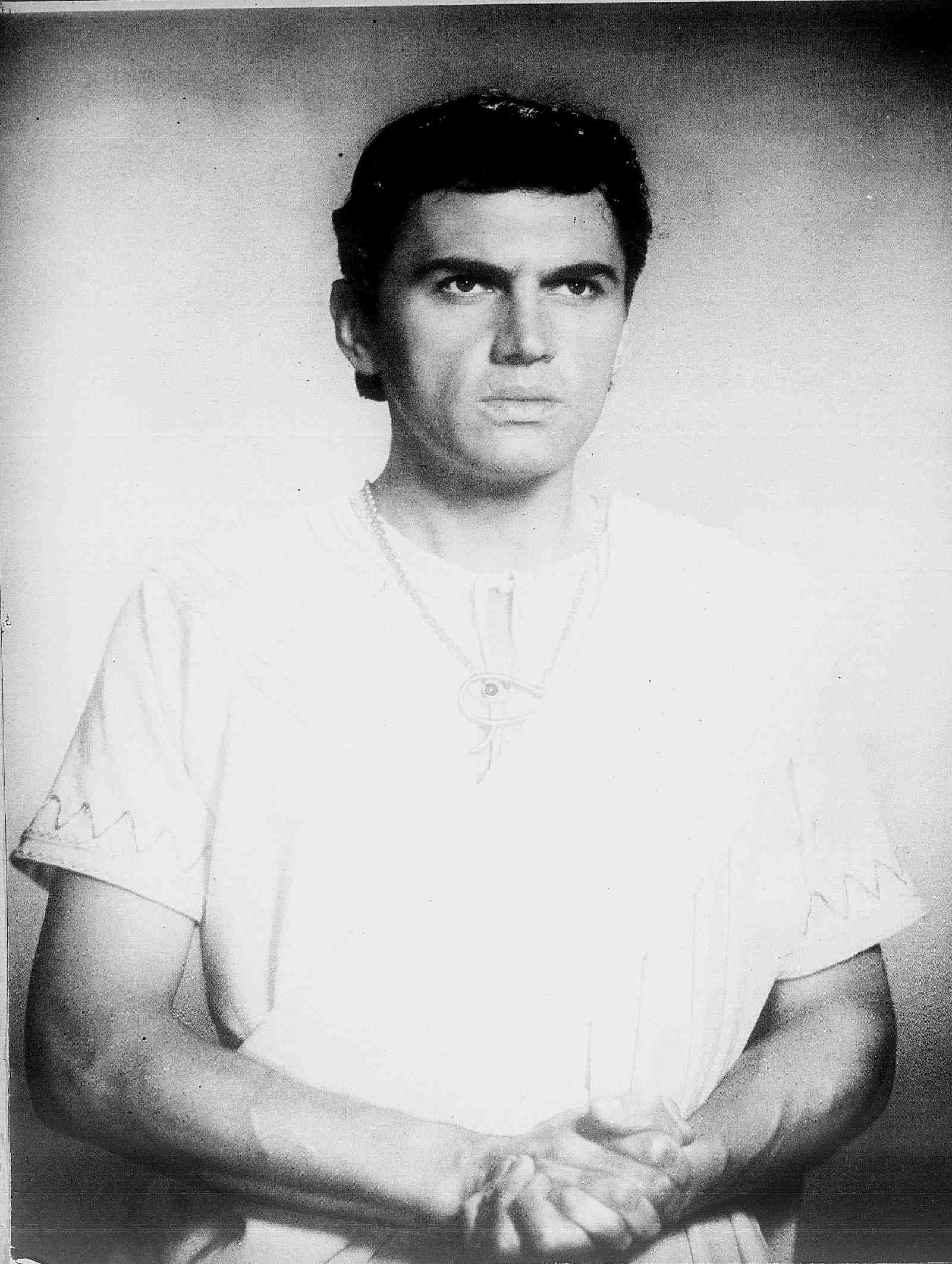
ADMIRANDO a beleza marcante de Arlene Dahl, o fã bem poderia fazer êste comentário: «Fernando Lamas é um homem de bom gôsto!». Sim, porque a espôsa do famoso «astro» argentino radicado em Hollywood, é uma das mais lindas «estrêlas» do cinema. Arlene começou no teatro de sua escola na cidade de Minneapolis e desde então, tem vivido para a arte. Aos 15 anos já trabalhava como atriz num programa de rádio e sua beleza, que na época era bem mais fresca, foi notada por um caçador de talentos. Resultado: Arlene viajou para Hollywood onde está até hoje brilhando nos filmes. Seu casamento com Fernando Lamas constituiu uma surprêsa na capital do cinema, isso porque êles custaram algum tempo a se decidir. Agora são duas criaturas felizes que se completam, enquanto a carreira de ambos segue num ritmo certo.



ELEANOR

PARKER

COMO a maioria das «estrêlas» famosas de Hollywood, também Eleanor Parker começou sua carreira no teatro. Desde muito cedo, Eleanor sentiu-se inclinada pela vida artística e achou que devia fazer em primeiro lugar uma coisa muito importante: estudar. Durante anos, Eleanor estêve aprendendo a arte de representar e leu muito sôbre os maiores artistas que o mundo já conheceu e aplaudiu. Tal preocupação lhe deu uma cultura e revelhou-lhe o talento. Fêz sua estréia no cinema em «O Intrépido General Custer» e seguiu até bem pouco tempo interpretando papéis menos comprometedores. Os «fãs» já se haviam acostumado a encontrar nos filmes uma Eleanor quase modesta quando aconteceu a estréia de «À margem da Vida», que lhe abriu as portas do sucesso. «Chaga de Fogo» nos apresentou uma Eleanor bem mais madura como atriz e «A Selva Nua» revelou o «glamour» de tão querida «estrêla» da tela





O famoso sorriso «cínico» de Phil Silvers, outra vez nos filmes e tão engraçado como antigamente.

a volta de PHIL SILVERS

HÁ alguns anos atrás, Phil Silvers era um dos cartazes cômicos mais em evidência nos filmes de Hollywood. Depois foi cobiçado pela televisão americana e deixou-se empolgar por um fabuloso contrato, abandonando o cinema e dedicando-se de corpo e alma à TV.

As saudades, porém, apertaram e Phil Silvers está de volta. contracenando com Doris Day no alegre musical em CinemaScope, produzido pela Warner Bros. «Com o Céu no Coração». Phil Silvers continua o mesmo grande artista da comédia e sua volta será uma alegria para os fãs que de maneira alguma o esqueceram!

DIVÓRCIO À VISTA!

PETER LAW FALA SÔBRE SEU AMIGO AUDIE MURPHY QUE RECORRE AO DIVÓRCIO COMO SOLUÇÃO DE UM CASAMENTO FRUSTRADO!

Nos bons tempos, Audie, Pamela e Terry na fazenda de San Fernando. O casal feliz quando casou em 1951. Pamela era uma linda aero-moça que se apaixonou pelo astro de cinema.

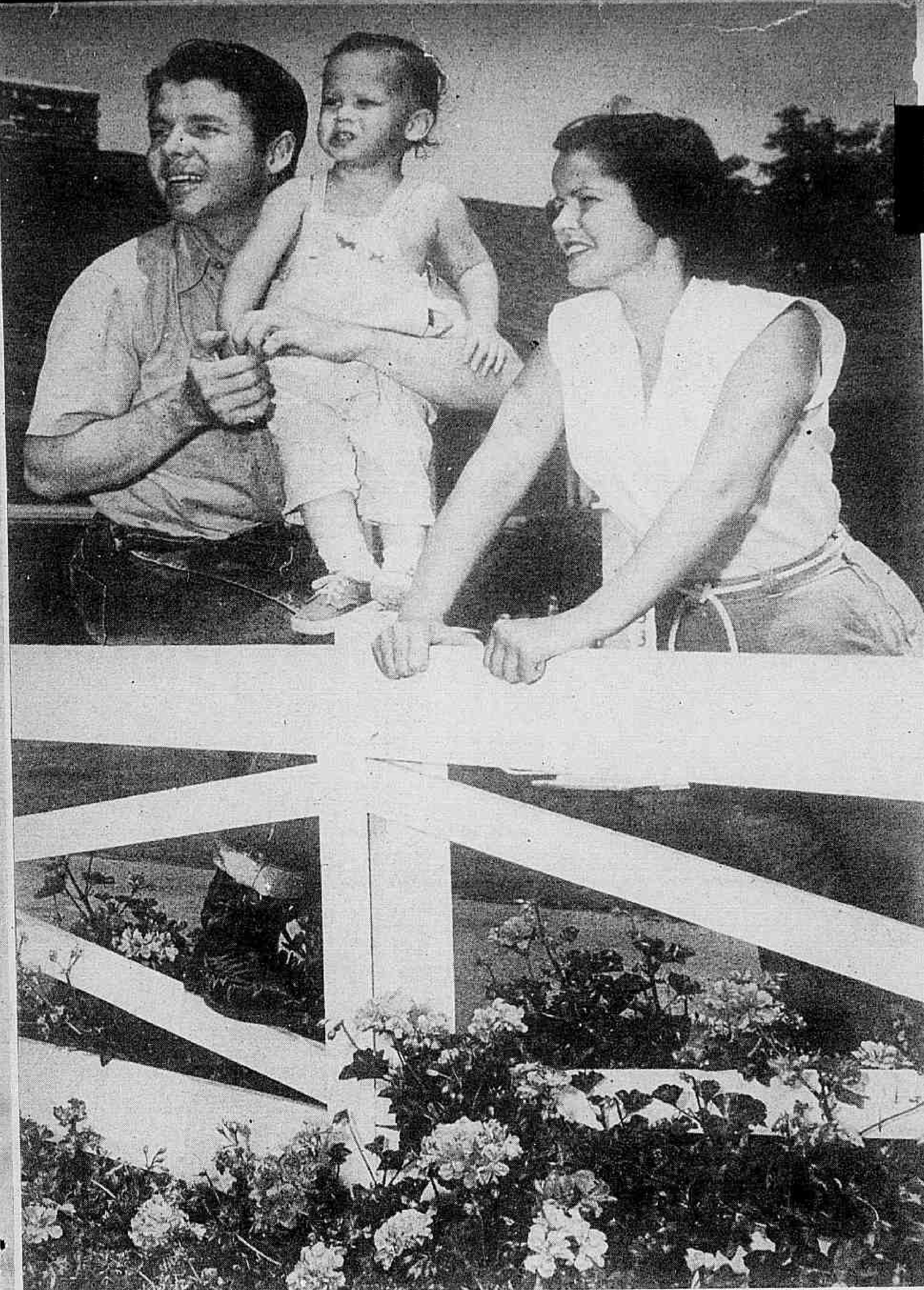
SEMPRE me pareceu difícil a qualquer mulher compreender um homem como Audie Murphy, porém talvez tenha sido eu, entre seus amigos, o que mais acreditou na felicidade de seu casamento com Pamela Archer, (que era em solteira uma linda aero-moça) no dia 23 de abril de 1951.

De Pamela eu sabia o bastante para concebê-la uma criatura de elevados predicados morais que a fariam naturalmente uma espôsa perfeita. O entusiasmo juvenil de Audie, dava-me a certeza de que êle estava casando-se por amor. A admiração quase infantil que Pamela lhe votava era um indício de que o idílio entre os dois venceria os anos e desafiaria as más línguas de Hollywood, firmando as bases de um lar que a sorte bafejava tanto.

Agora, ao escrever êste artigo, tenho na garganta um nó que não quer se desfazer, por mais que eu me esforce para provar a mim mesmo que coisas como essa acontécem diàriamente em Hollywood e que são justamente os casamentos amplamente conhecidos como «perfeitos» os que mais depressa se acabam.

Acabam quase sempre colhendo de surprêsa os amigos do casal. Lembro-me perfeitamente de que foi há duas semanas que Audie ligou para a redação e pediu que marcássemos um encontro. Queria contar alguma coisa muito importante. Essa foi pelo menos a impressão que me deu com a sua voz quase sumida e a angústia que pude notar nas suas últimas frases. Eu não podia de maneira alguma esquivar-me de conversar com Audie, mormente ao saber que





Os fins-de-semana da família Murphy eram sempre vividos na fazenda de Audie no vale de San Fernando. Êles combinavam em tudo, até no gôsto pela vida campestre.

êle necessitava de um conselho meu. Somos amigos desde o exército. Servimos juntos e aprendemos juntos que uma boa amizade vale mais que dinheiro em banco.

Assim, naquela mesma tarde, no café de costume, encontrei Audie, sentado e tristonho olhando a bebida que não tocara sequer. Seu olhar perdido era o sinal verdadeiro de que algo de muito grave desmoronara a sua confiança no futuro. Dei-lhe um tapinha amigável nas costas, puxei uma cadeira, sentei-me, acendi o clássico cigarro e deixei propositadamente que o silêncio entre nós fôsse quebrado pelo meu amigo triste.

Não demorou muito, Audie fixou a vista em mim e explodiu com voz amarga:

— Não sei o que fazer, Peter, porém acredito que meu casamento com Pamela está por dias...

E voltou à sua atitude ensimesmada de antes. Dai mais algumas tragadas e fiz minha primeira pergunta:

— Vocês andaram brigando por alguma coisa fútil?

— Não. Não foi pròpriamente isso. É uma série de problemas que se acumulam e que somos incapazes de resolver. Eu diria que se formou uma barreira entre nós, uma bareira muito difícil de vencer...

— Se vocês quiserem, isso não será tão difícil, atalhei.

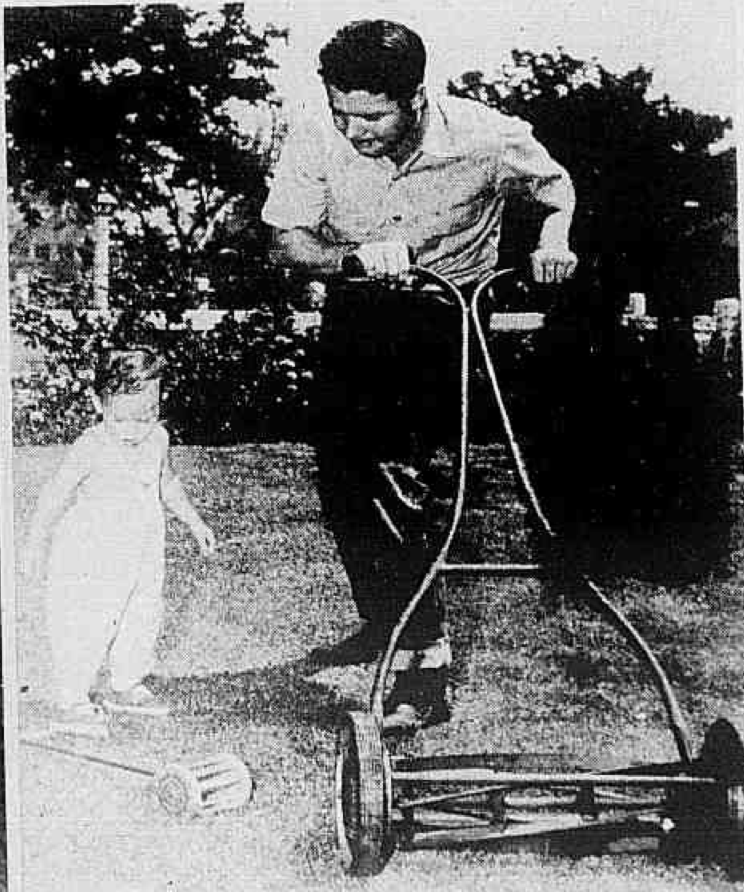
— Já esperava que você mencionasse isso. Mas, é inútil, Peter. O nosso casamento foi bom enquanto durou. Tudo me fazia crer que não chegaríamos a uma situação dessas, principalmente por Terry...

Audie refere-se ao pequeno Terry, ainda com dois anos incompletos e que está inocente em todo o drama.

Para que vocês compreendam porque não culpo Audie pelo divórcio é preciso que eu esclareça também que apesar de haver servido tanto tempo ao Exército e de ter tomado parte em tantas missões perigosas em pleno teatro de uma guerra nada humana, Audie Murphy é um rapaz

(Cont. na pág 42)





A sua fazenda no vale de San Fernando, Audie Murphy era um rapaz feliz. Sua maior distração era brincar com o pequeno Terry Michael, com dois anos incompletos. A um passo do divórcio, Audie pensa em reter o filho, única razão atual de seu maior esfôrço como ator cinematográfico. Pensando nêle, Audie Murphy tornou-se um artista exigente. Desejou, então, melhores papéis e naturalmente contratos mais rendosos. Para Audie, o fim de seu casamento com Pamela, foi uma emoção fortíssima. Sòmente o pequeno Terry talvez possa devolver-lhe a fé antiga no futuro e o gôsto de viver.

MR. BELVERDERE, O SOFISTICADO



Aquí está o famoso Mr. Belverdere, o personagem que fêz a glória, e a fortuna de seu criador no cinema: Clifton WeБb.



Traje completo para o sofisticado Mr. Belverdere: as luvas completam a figura tão bem composta pelo talento de Clifton Webb.

O talento histriônico de Clifton Webb começou a ser notado desde seu desempenho em um dos papéis principais de «O Fio da Navalha», cujo astro era Tyrone Power.

Até àquele filme, Clifton Webb era um nome pràticamente desconhecido pelo grande público, porém bastou aquêle papel pequeno no tamanho, para que o futuro Mr. Velverdere ganhasse «fãs» e passasse a exercer um domínio completo como figura cinematográfica.

Carrancudo na aparência, Clifton Webb é no fundo um ótimo sujeito que adora conversar com os colegas e com os admiradores, tendo sempre um caso interessante para contar. Nada lhe escapa. É um grande observador da vida e de seus semelhantes e, antes de tudo, um ator de vasta cultura. Seu passatempo predileto é a leitura e se vocês um dia fizessem uma visita à sua residência de Beverly Hills, ficariam encantados com a sua biblioteca, um dos orgulhos dêsse ator de tantas glórias.

Ainda recentemente, Clifton Webb ficou muito contente ao ser distinguido por um de seus inúmeros admiradores com um presente sempre bem recebido por êle: uma coleção completa, encadernada ricamente, das obras do escritor Somerset Maugham. Interpretando no cinema um dos personagens de Maugham (justamente em «O Fio da Navalha»), Clifton Webb guardou dêsse famoso autor uma impressão muito simpática. Acha que êle deu sorte, o que na verdade aconteceu, porque depois de interpretar aquêle marcante personagem em «O Fio da Navalha», Clifton Webb não mais teve problemas sérios em sua vida de artista.

Semanas depois estava escolhido para personificar o seu mais famoso tipo cinematográfico: Mr. Belverdere. Seguiu-se a série de filmes com a divertida figura de Mr. Belverdere e novos sucessos foram acrescentados à carreira, então vertiginosa, de Clifton Webb.

Hoje em dia êle é um artista aplaudido e querido no mundo inteiro. Elevou-se à categoria de maior prestígio em Hollywood e é respeitado pelos colegas que vêem nêle o próprio Mr. Belverdere em pessoa, capaz de uma frase mordaz própria de um perfeito observador da vida. Uma frase que pode tirar o sono de qualquer pessoa impressionável...

CLIFTON WEBB vem aí em outro grande desempenho no filme da Fox, em CinemaScope, «O Mundo da Mulher», do qual desfilam os mais belos e audaciosos modelos de carros, até hoje filmados.

Em «O Mundo da Mulher», Clifton Webb volta a ser o mesmo cavalheiro sofisticado, repetindo o tipo que lhe deu a fama e a fortuna no cinema. Êle confessa que sente-se à vontade em tal classe de papéis, tão acostumado está a usar luvas, esticar o pescoço e envergar ternos talhados para um verdadeiro «dandy».

«Ser sofisticado no cinema — confessa Clifton Webb — é até um prazer, pois dêsse modo posso voltar a ser eu mesmo na vida real e com a vantagem de mudar inteiramente a atitude. É uma sensação muito agradável. Uma espécie de regresso à condição normal que, no final das contas, é a única que interessa. Cinema é cinema. Na vida real, porém, é que podemos avaliar até onde a fantasia pode nos envolver e aos «fãs», mais a êles do que a nós próprios».

CLIFTON WEBB

ESTRÉIA

NOS FILMES

EM CINEMASCOPE

VIVENDO

UM PAPEL

DESTACADO

EM "O MUNDO

DA MULHER" ★

ÊLE NÃO

CONSEGUE

SE DESFAZER

DE MR.

BELVERDERE...





Ótima idéia!

também passei a fumar Hollywood!...

Cada vez mais pessoas estão mudando para

hollywood

uma tradição de bom gôsto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ

Rádio

MILTON SALLES

O QUE DIZEM...

QUE os rádio-atores Paulo Pôrto e Lourdes Mayer reformaram contrato com as Associadas por mais uma temporada, depois de estarem em adiantadas negociações com o sr. Vítor Costa para ingressar na Rádio Mayrink Veiga.

QUE o aludido sr. Vítor Costa é o novo superintendente da Rádio Mundial, tendo como assistente direto nessas funções o novelista Eurico Silva, pessoa de sua confiança.

QUE o contrato de Oduvaldo Cozzi com a Emissora Continental termina no mês de maio vindouro e que há diversas estações interessadas no seu concurso.

QUE "Esta Vida que Passa", programa que Hélio Tys está escrevendo para a Rádio Tupi, que o apresenta às quartas-feiras, às 20,30 horas, vem ganhando muitos ouvintes. Dóris Monteiro é a "estrêla" de "Esta Vida que Passa".

QUE Santos Garcia espera arrecadar uns bons cobres com a marchinha "Tutuquinha", que vem apontando como uma das prováveis campeãs do tríduo momesco.

QUE a Rádio Tupi inaugurará, no mês de março vindouro, os 100 kws. do seu novo transmissor de ondas curtas com uma grande festa.

QUE Caubi Peixoto, a mais recente aquisição das Associadas carioca, também realizará programas semanais nas Associadas de São Paulo.

QUE Nora Nei será a provável vencedora do concurso da Rainha do Rádio, pois dispõe do apoio de um dos altos dirigentes da Rádio Record, de onde também é contratada.



VIRGINIA LANE voltou ao rádio, depois de passar muito tempo inteiramente dedicada ao teatro e à televisão. Seu retôrno ao microfone foi feito através da Rádio Tupi, onde a graciosa estrelinha vem brilhando no comando de «O carnaval da vedette», audição produzida por Afonso Brandão, que vai ao ar às quintas-feiras, às 21,05 horas, no Maracanã dos auditórios. Na foto, Virgínia Lane aparece ao lado de Paulo Pôrto, nome sobejamente conhecido dos fãs e que acaba de assegurar sua permanência por mais uma temporada no elenco das Associadas cariocs

QUE a Rádio Mayrink Veiga lançará um grande programa de auditório, nos domingos, antes do futebol.

QUE Roberto Reis vem-se revelando um locutor de qualidades no programa "Samba e outras coisas", que a Rádio Vera Cruz leva ao ar às quintas-feiras.

QUE o sr. Fernando Chateaubriand Bandeira de Melo foi substituído na superintendência das Associadas cariocas pelo sr. João Medeiros Calmon, o qual até então vinha superintendendo as Associadas do nordeste com proficiência.

QUE a Rádio Nacional pretende reformar completamente a sua programação depois dos festejos carnavalescos.

QUE os rádio-atores Hamilton Ferreira e Maurício Sherman e os cantores Orlando Correia, Maria Celeste e Zilá Fonseca reformaram contrato por mais uma temporada com a Rádio Tupi.

QUE Simone Morais está atualmente sem emissora, devendo voltar depois do tríduo momesco, possìvelmente na Rádio Nacional.

QUE Marlene ainda êste ano fará uma grande excursão pelas Américas, atuando inclusive, na televisão cuba-



ORLANDO CORREIA, que a par de cantar bem costuma ajudar os outros a encontrar o caminho do estrelato (como aconteceu com Dóris Monteiro), ganhou um programa semanal na Rádio Tupi. Trata-se de «Sala-de-visitas», que vai ao ar às sextas-feiras, às 21,35 horas, diretamente do grande auditório da Avenida Venezuela. Depois dos folguedos momescos, Orlando deverá realizar uma excursão às principais cidades do país



NELSON FONSECA, valor da nova geração de vocalistas do rádio carioca, é exclusivo das Associadas cariocas, onde vem tomando parte em diversas audições, sempre com o maior agrado. Grava na Odeon, o seu último sucesso, que é a canção «Oh, meu papai».

OS BRAVOS NÃO SE RENDEM

(Continuação da página 13)

tocrático espanhol, estava sentado no comprido saguão tomando o seu café matinal...

A sua gorda governanta aproximou-se dêle.

"— Os nossos hóspedes, sr. Velasco e Carmelita, têm tudo, Dona Manuela?" inquiriu êle.

"— Sim senhor", respondeu a mulher.

Nesse momento ouviu-se um grande alarido na fazenda. Os dois vaqueiros haviam chegado com a notícia. Charles levantou-se da mesa e foi para a grande varanda da casa. Um dos vaqueiros, apeando, tirou o chapéu e disse:

"— Uma grande caravana se aproxima; deve ser o sr. Oliver!"

Charles acenou afirmativamente com a cabeça e esfregou as mãos com contentamento. Os empregados corriam para cumprir com as suas obrigações.

"— Organizem a festa" ordenou êle; "arranjem água quente para êles se banharem; arrumem os quartos; preparem a comida e o vinho e coloquem as mesas na sombra prontas para a chegada dos nossos hóspedes".

Os empregados foram cumprir as suas ordens e Charles voltou para dentro de casa. Um senhor idoso, fazendo-se acompanhar de uma jovem com uma criança nos braços vinha do corredor da casa em sua direção. Charles saudou-os com cortesia dizendo:

"— O seu futuro genro estará aqui a qualquer momento, Don Rafael".

O cidadão espanhol balançou a cabeça com satisfação.

"— E' uma boa notícia", respondeu êle. "O Padre está esperando na minha fazenda. Serão casados sem espalhafato e ninguém desconfiará". Terminou a sua frase olhando com a doçura de um pai, para a jovem que estava ao seu lado.

Charles não cabia em si de contente.

"— E' um grande dia, realmente, Don Rafael. Meu irmão chega em paz com as mercadorias. Tenho uma fortuna empregada naquela caravana. Esta noite nossas famílias e nossas terras serão unidas. Quando Oliver chegar, escondam-se. Quero fazer-lhe uma surprêsa!"

O homem e a jovem sorriram e se retiraram. Charles dirigiu-se então para a varanda a fim de supervisionar os últimos preparativos da festa.

Finalmente tudo estava pronto para os hóspedes, podia êle assegurar-se a si mesmo. Deu um suspiro de alívio. Os comandantes da caravana já podiam ser avistados, pois estavam a uma milha de distância e logo depois entravam na fazenda.

Charles dirigiu-se ao seu irmão para saudá-lo. Oliver saltou do cavalo e ajudou Garnet a fazer o mesmo. Atrás dêles John e Florinda puxavam as rédeas de seus cavalos. Charles bateu no ombro do seu irmão olhando-o com orgulho.

"— Por fim chegou, mano", exclamou, "temos muito que falar!"

Oliver voltou-se para olhar Garnet e puxou-a para perto de si.

"— Garnet", disse êle, "êste é o meu irmão — Charles, esta é minha espôsa".

O sorriso de Charles desvaneceu-se. Êle olhou com rancor para a mão esquerda da jovem e depois sem pronunciar uma só palavra, deu as costas e encaminhou-se para o interior da casa. Caiu um pesado silêncio em redor de Garnet. No rosto dos empregados estava estampada uma fisionomia de terror. Ela controlou-se para não fugir.

"— Sinto muito, Garnet", murmurou Oliver, "Com licença fique com Florinda, tenho que falar com Charles".

Seu irmão, com o rosto negro de raiva, estava imóvel sob as sombras frias do saguão.

"— Eu tinha aqui Don Rafael, Carmelita e sua filha para recebê-los. Um empregado contou-lhes tudo o que acaba de acontecer e êles estão se preparando para deixar esta casa. Suponho que você sabe o que está fazendo", prorrompeu êle furioso.

"— Sinto muito", começou Oliver a dizer.

"— Sente muito!" interrompeu Charles, atrás dêle com raiva. "O seu arrependimento vem tão fàcilmente quanto as suas folias. Sua espôsa sabia acêrca desta encrenca?"

Oliver moveu negativamente a cabeça.

"— Não. Não pude dizer-lhe".

Charles deu um passo à frente.

"— Então não lhe diga coisa alguma. Eu cuidarei do assunto. Se você não tivesse feito êsse ridículo casamento, poderia casar-se com Carmelita e nós possuiríamos mais terras do que qualquer outro fazendeiro do oeste. Agora faremos novos planos".

Havia um brilho de emoção nos seus olhos...

Não era a primeira vez na sua vida que Oliver era invadido por uma sensação de mêdo do seu estranho e impiedoso irmão.

Nessa tarde, durante a festa, notava-se um ligeiro sinal de constrangimento motivado pela chegada inesperada de Garnet. A hospitalidade inata dessa gente e a sua instintiva admiração pela beleza e pela virtude, faziam com que a moça fôsse tratada como hóspede de honra.

As únicas notas discordantes foram a distância brusca de seu espôso, mesmo quando êle estava fìsicamente perto dela e a deliberada ausência, da mesa, de seu cunhado. Havia música alegre para acompanhar os grandes pratos de comida e os vinhos da longínqua Espanha. Todos os fazendeiros e trabalhadores da localidade compareceram para celebrar a chegada da caravana.

O último a chegar foi um homem gigantesco; gigantesco de membros e estatura e com voz e gestos majestosos. Êle era Nickolai Gregoriocitch Karakazof, um siberiano que caçava peles no norte e que vinha em busca de aventuras no sul.

Florinda, sentada ao lado de Garnet, observava o gigante siberiano com admiração. Os empregados o conheciam e traziam duplas rações de comida e bebida para êle. Bebia uma garrafa de vinho, de um só gole; e comia uma galinha inteira em poucos minutos.

"— Que homem enorme! Enorme no verdadeiro sentido da palavra!", exclamou baixinho Florinda.

Nickolai ouviu-a e parou de comer para sorrir-lhe. Pouco depois tornavam-se grandes amigos.

Garnet viu seu marido encaminhar-se em direção à casa sob os murmúrios intimidados dos empregados. Logo depois vinham chamá-la e ela encontrou Oliver e Charles à sua espera.

"— Todo mundo espera que você tome parte na festa", disse ela a Oliver.

Charles fitou-a com ar feroz.

"— As festas são para idiotas, quando há trabalho", comentou êle friamente.

Garnet sentiu o sangue subir-lhe à cabeça. Voltou-se para o seu espôso, que permanecia calado e perguntou: — "— Esta fazenda é sua, também?"

Oliver não deu resposta, porém seu irmão, com escárnio, respondeu mais uma vez por êle.

"— Entre nós não há discriminação de bens. O que é de meu irmão, também é meu, o que é meu é dêle! Quero que compreenda isso. Por êste motivo é que mandei chamá-la, para dizer-lhe que não interfira nesses assuntos. Seu casamento foi em estôrvo".

Os olhos de Garnet brilharam sùbitamente ao perguntar "— Refere-se ao desapontamento que nosso casamento causou a você e a moça?"

Charles ficou silencioso e com raiva. Oliver começou a andar de um lado para o outro com o rosto pálido e triste.

Garneta deu um sorriso gentil. "— Estou a par de tudo", murmurou ela." E encaminhando-se para seu espôso. "Você a ama, Oliver?"

Êle respondeu pausadamente. "— Não, Garnet. Nem sequer pensei mais nela até receber aquela carta. Procurei contar-lhe várias vêzes e oxalá o tivesse feito. Você deve detestar-me".

"— Nço, Oliver, tenho pena de você, assim como também tenho pena da moça... e da criança!"

Ambos olharam em direção ao local em que se realizava a festa que parecia, agora, espalhafatosa e sem nexo. Ambos queriam ficar a sós com seus pensamentos.

No dia seguinte a vida da fazenda voltou ao normal, até que um vaqueiro aproximou-se a todo o galope, trazendo terríveis notícias. Naquela manhã, Carmelita, com o seu bebê nos braços, havia se atirado do penhasco. Os corpos mutilados dessas infelizes criaturas haviam sido encontrados próximos de um córrego duzentos pés abaixo.

John Ives, que estava se preparando para conduzir os restantes componentes da caravana até Los Angeles, correu a avisar Charles assim que soube dêsse doloroso acontecimento.

"— O pai de Carmelita aparecerá aqui, com certeza, esta noite", advertiu êle. "E' melhor Oliver partir com sua espôsa".

Oliver, que havia entrado nesse momento na sala, em companhia de Garnet, moveu negativamente a cabeça.

"— Não posso fugir, John".

Charles concordou com êle.

"— Como vê, aos irmãos Hale não falta coragem. Não sei a respeito de Garnet. Talvez prefira fugir a agüentar firme. Isso depende dela", disse êle irônicamente.

Garnet conseguiu conter a sua raiva e tomando as mãos de Oliver entre as suas respondeu: "— Farei o que Oliver me ordenar. Acho que o meu lugar é ao seu lado".

As longas horas do dia custaram a passar. Ao cair da noite ouviu-se o esperado galopar de cavalos. Don Rafael, acompanhado de seus filhos, acabava de chegar.

Oliver fêz um sinal a John que cuidasse de Garnet. Em seguida, com passos lentos, encaminhou-se para a porta aberta e para os degraus do lado de fora.

"— Don Rafael", disse Oliver calmamente, "saia desta fazenda". E, sacando de um revólver, apontou-o contra o seu adversário.

Em resposta, Don Rafael fêz estalar um enorme chicote. De um ponto qualquer, dentro da escuridão da noite, ouviu-se o estampido de um revólver. Enquanto Oliver caía abatido no peito, Don Rafael aproximou-se e desencadeou várias chicotadas sôbre o corpo do homem agonizante.

Garnet conseguiu desvencilhar-se de John Ives e correu para o lado de fora. Tomou seu espôso nos braços e gritou: — "John! Eu o matei!"

John trouxe o cadáver do seu companheiro para dentro de casa. Charles, olhando para êle, bravejou com raiva: "— Vão atrás dêles, matem os assassinos".

——o——

Antes, entretanto, que qualquer empregado se pudesse mover, ouviu-se uma voz clara e firme dentro da sala. Ali estava Don Rafael, com um filho de cada lado, munidos de pistolas nas mãos.

"— A sua espôsa", disse êle, "onde está ela?"

Ao lado abriu-se uma porta e John Ives apareceu.

"— Estou aqui no lugar dela", respondeu êle tranqüilamente. "Matarei você e seus filhos se derem mais um passo. A sra. Hale chorou por sua filha e agora chora por seu marido. Já houve bastantes desgraças. Não há necessidade de mais".

Por um longo minuto os homens se entreolharam. Em seguida, Don Rafael voltou-se e seus filhos o acompanharam. Logo depois ouviu-se o galopar dos seus cavalos que saiam da fazenda.

Nos dias que se seguiram Garnet estêve entre a vida e a morte. Florinda era a sua constante enfermeira. Levou, porém, muito tempo, até que ela conseguisse persuadir a sua amiga a lhe revelar o que realmente sentia. Quando as suas palavras revelaram finalmente o seu segrêdo, Florinda indagou de John Ives. "— Onde está Texas? Vá chamá-lo. Preciso de alguém que entenda destas coisas. Ela quer voltar para casa".

"— Está muito doente?", indagou John.

(Continua na página 40)

PARA O ÁLBUM DO FÃ

FOTOS DO SEU CRAQUE E CLUBE FAVORITOS ARTISTA DE RÁDIO OU DO CINEMA BRASILEIRO

TAMANHOS:
13 x 18 — Cr$ 15.00 ● 18 x 24 — Cr$ 30.00

Pedidos pelo Reembôlso Postal a Newton Viana:
Praça Floriano, 19 - 1º and., s/13 — Edifício Império — Cinelândia

Queira enviar-me pelo Reembôlso .... **fotografia (s) de** ....

....
(Nome do jogador, clube ou artista)

NOME ....

RUA ....

CIDADE .... **ESTADO** ....

RIBALTA

A. ALENCASTRE

"É FOGO NA PIPOCA"

Revista em 2 atos de Max Nunes e J. Maia, com Quadros de Luís Felipe e Música de Diversos Atores no Teatro Carlos Gomes

SILVA Filho, J. Maia e Pedro Celestino organizaram uma emprêsa teatral e montaram uma revista despretenciosa, de feitio puramente carnavalesco e com a finalidade de divertir o público. Nada de montagens aparatosas, nada de muito luxo e riqueza... tudo muito simples, modesto, mas agradável e de muito bom gôsto. E o espetáculo se baseia exclusiva e inteligentemente no texto que é excelente e muito engraçado e nos artistas que são todos de "primo cartelo". Encabeçando o elenco vem a "vedette" n.º 1 do nosso teatro musicado, Virgínia Lane, que por diabruras de Cupido, fôra afastada do palco para as delícias de um "hymeneu", mas não foi feliz na experiência, e, volta triunfalmente, travêssa como sempre, cantando com muita graça e dizendo com muita expressão e malícia, inigualável dentro do seu gênero em que é absoluta, e apresentando-se sempre lindamente vestida. Foi a dona do espetáculo, pois sòzinha vale por um espetáculo... Foi aplaudidíssima e bisou todos os seus números por insistência da platéia.

Como sabe dizer e como valoriza os quadros "No Tempo das Anquinhas" e "C'est si bon"... Acho que não devia acentuar tanto à malícia dos textos, pois só a sua graça, a sua brejeirice e a sua vivacidade são suficientes. Como também não concordo com a alusão ao seu recente "fracasso" matrimonial assim tão em público. São cousas muito íntimas e delicadas.

O quadro "Fiu... Fiu..." ainda não está bem "burilado", e, poderá ser de muito rendimento e estupendo de graça, com a "cooperação" sua e de Silva Filho.

E, com que entusiasmo e dinamismo, cantou e valorizou os seus números para o próximo carnaval, principalmente a marchinha: "Empurra a Carrocinha!" Parabéns.

Silva Filho, como sempre, foi esplêndido de comicidade, tirando partido de tôdas as situações de maneira brilhante. Ótimo em todos os tipos criados, aliás esta é sua grande especialidade.

No "O Suburbano" está muito natural e humano, e é pena que o texto não o ajude, pois é fraco e pobre de comicidade. No "Casamento por Amor" está engraçadíssimo no velho casamenteiro. A sua caracterização de Tenório no gosadíssimo quadro político: "Trio Maravilhoso" está perfeita. E no quadro: "Vassourinhas" tira muito partido e dá muita vida à marchinha.

Poderá valorizar de muito e tirar muito partido no garôto da escola no quadro: "Fiu... Fiu...".



As cabrochas de Estela: sucesso em «E' fogo na pipoca», no Carlos Gomes.



O Trio de Ouro continua abafando no teatro de revistas. Sucesso certo tôdas as noites.

Janete Jane, o "brotinho" sempre cheio de entusiasmo, foi muito bem no "sketch": "Quando Chega o Carnaval", e esplêndida de graça e malícia no quadro: "Vendedora de Modinhas". E, sempre muito bem vestida cantou com muita vida os sambas "Judas", "Recordar" e "Casado fala Pouco".

A atriz Dayse May, com sua elegância e apurado gôsto de vestir, marcou muito bem o pouco que tem na revista. Com sua beleza e com seu "charme" é uma "vedette" que deve figurar sempre na primeira linha no elenco das grandes Companhias.

Ana Bela, no seu admirável esfôrço de vencer no teatro, procurou, agora, e, mui acertadamente o gênero musicado, onde deu mostra do seu valor artístico e onde poderá conseguir posição de destaque com sua figurinha gentil e sua representação graciosa. Foi muito bem no "sketch" "Casamento por Amor", e como Locutora apresentou muito bem alguns quadros, mas não ficou bem no traje de odalista, no quadro "No Oriente", a sua plástica não fica bem assim, procure ao contrário, trajes completos, saias compridas, bem rodadas, "soirées", "toilletes", vestidos à rigor, abusando apenas do decote, que poderá ser até exagerado.

Miriam Dolores, com sua plástica vistosa e sua linda cabeleira loura, cantou, dançou e representou bem. Já é mais do que uma promessa, é quase uma "estrelinha".

Ita Wester, há muito tempo afastada do palco, onde brilhou e dominou com sua grande beleza, volta agora como caricata, nos "sketchs": "Casamento por Amor" e "Quando Chega o Carnaval", indo òtimamente em alguns momentos, mas em outros, no desejo de agradar exagerou um pouco a linha cômica, tornando-se um tanto falsa. Acho que a cabeleira postiça prêta compõe melhor o seu tipo e lhe dá mais graça e propriedade.

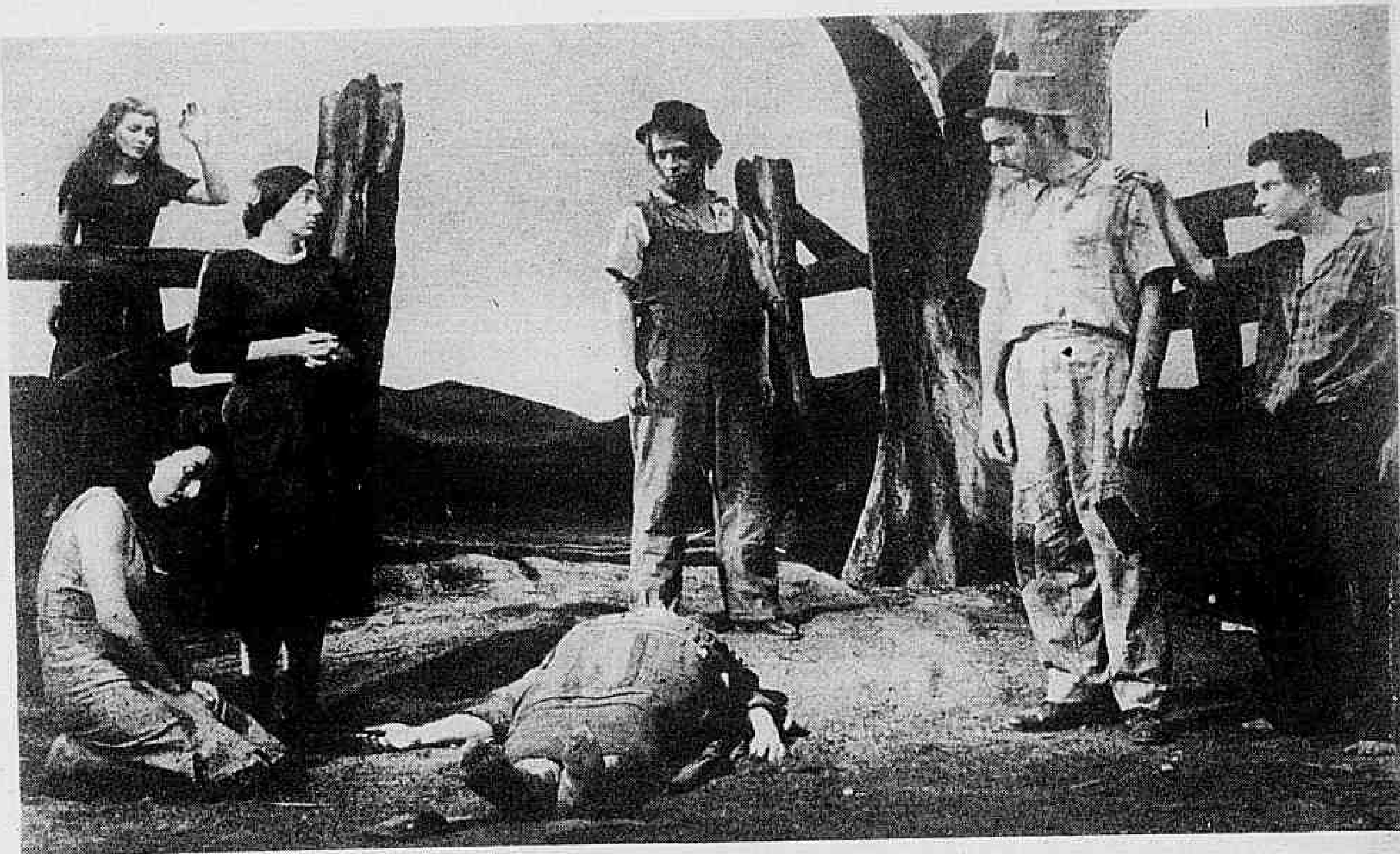
Há uma novata Leila Diniz, que merece registro especial pela sua agradável e maviosa voz de soprano e pela sua figurinha mimosa e que se destacou ao lado de Pedro Celestino numa seleção de músicas italianas no quadro "Carnaval na Itália" e depois na "Viúva Alegre". Parabéns.

Costinha defendeu brilhantemente a cortina cômica "Fantasias" no costureiro efeminado, que vem apresentar sugestões ultramodernas para fantasias de carnaval.

(Continua na pág. 40)



SADI CABRAL,



UM NOME FEITO NO

RÁDIO, TEATRO E

CINEMA DO BRASIL

Sadi (que não é galã) recebe boa correspondência



HÁ um rifão que diz que "ninguém é profeta em sua terra" e outro que diz que "santo de casa não faz milagre". Isto se aplica muito bem a Sadi Cabral, um de nossos bons atores. Pois bem, aqui no Brasil, pouca gente soube reconhecer o valor e o talento de um artista completo como êle.

Artista de rádio-teatro, novelista, diretor, artista de teatro e diretor de teatro, "astro" de televisão e do cinema, Sadi se atuasse no estrangeiro, teria um cartaz enorme pelo seu grande valor. Mas, êle nunca quis sair do país e aqui o seu trabalho até agora não teve a repercussão que merecia.

* * *

Nascido em Maceió, Alagoas, lá fêz o curso primário, mas o secundário veio fazê-lo no Rio no Colégio Pedro II, tendo feito mais tarde o vestibular de Medicina. Mas, sentiu que sua vocação não era ser médico e sim artista e abandonou o bisturi pelo palco.

Seu estudo artístico foi feito na Escola Dramática Municipal do

Uma grande criação de Sadi na peça «Carlota Joaquina», com o cabeleireiro



ARTISTA
DE RÁDIO-TEATRO
NOVELISTA
E COMPOSITOR

ARTISTA COMPLETO



Sadi fêz uma incursão no teatro de revistas, a convite de Chianca de Garcia, atuando na peça «Sonho Carioca», onde aparecia com esta caracterização.



No cinema brasileiro, Sadi tem feito boas coisas. Ei-lo com o ator-produtor Roberto Acácio no filme «Caminhos do Sul». Êles voltam a se unir em «Mãos Sangrentas».

Rio de Janeiro e tendo feito um curso de dança no Teatro Municipal, foi durante alguns anos bailarino do corpo de baile do Municipal.

Quando a Pawlova estêve no Rio dançou com ela e foi essa grande bailarina que notou suas qualidades como artista dramático, instando com êle para que mudasse de setor artístico.

Estreou, então, no teatro em 21 de junho de 1923, na Cia. Lucília Peres, no Teatro João Caetano na peça "Maria Antonieta" de Giacometti.

* * *

Em 8 de abril de 1927, estreava ao microfone da Rádio Mayrink Veiga, dizendo versos. Mais tarde passou para a Rádio Sociedade, onde além de dizer versos também representava cenas de Molière, mesmo contra a opinião geral dos que achavam que o público de rádio não se interessava por cenas teatrais. Certa vez apresentou a "Ceia dos Almirantes" de Gastão Penalva, com o autor e o velho

Cont. na Pág. 40



Outra criação de Sadi que arrancou aplausos: na peça «Elizabeth da Inglaterra», como Lord Cecil.



Sadi Cabral é hoje um nome de prestígio no rádio, teatro e cinema do Brasil. E tudo isso merecidamente!

Em «Barbeiro de Sevilha», Sadi Cabral teve bom desempenho. O tipo não importa para um artista como Sadi.

OS BRAVOS NÃO SE RENDEM

(Continuação da página 36)

"— Agora não", respondeu Florinda. "Mas muito breve nascerá um bebê".
John deu um assobio de surprêsa.
"— Nós a levaremos daqui; mas é impossível chegar até Nova York.
Ela não pode permanecer nesta casa. Charles a detesta tanto, que
gostaria de vê-la morta. Podemos levá-la conosco para Los Angeles".
"— Eu também irei", disse Florinda.
Ela não era a única a querer partir. A compaixão pela desolada jo-
vem nasceu em outros corações. Texas jurou não ingerir qualquer
bebida alcoólica até o nascimento do bebê, a fim de poder atendê-la
como o médico competente que fôra certa vez. Nickolai propagou em
altos brados que partia para estar perto de Florinda. Êsse era um
dos motivos, porém êle nutria o afeto de um pai pela jovem que
teve por tão pouco tempo um período de felicidade, como espôsa do
seu desditoso amigo.
Êles rumaram uma vez mais para a estrada fazendo pequenas pa-
radas no deserto que servia de barreira entre as terras que ficavam
e às que êles se dirigiam. John estêve todo o tempo ocupado, formu-
lando planos, enquanto conduzia a caravana para o oeste. Em Los
Angeles êle possuía um bom amigo que era o proprietário de uma
famosa taberna na terra que estava crescendo: "A Taberna de Silky".
Silky, um jovem do leste que havia vindo para Los Angeles acre-
ditando que um dia essa cidade seria importante, sentia-se feliz em
ajudar qualquer pessoa que fôsse amiga de John. Foi pois com gran-
de satisfação que êle deu a Florinda um emprêgo no bar.
Dentro de poucas semanas Garnet sentiu-se ali como em sua pró-
pria casa e recuperou ràpidamente a saúde. Para isso, concorreu
em grande parte a atenção assídua dos rapazes, que quase ultrapas-
sou a de Florinda. Até Texas, o mais conhecido beberrão do oeste,
estava aprendendo a gostar de chocolate quente que era, sòmente, o
que Florinda lhe permitia beber.
"— Estou lhe avisando", costumava êle dizer-lhe, "logo que nascer
o bebê vou me desforrar".
"— Sim", disse certa vez Nickolai que estava sentado ao seu lado.
"Oxalá se embriague no batizado. Eu o ajudarei". E, dizendo isso,
engoliu de um só gole uma garrafa inteira de vinho.
Nesse momento chegou um viajante à procura de John Ives. Dis-
seram-lhe onde poderia encontrá-lo e logo depois John corria ao
quarto de Garnet.
"Sei que você não quer que seu filho nasça num país estrangeiro.
Pois bem, a Califórnia agora faz parte dos Estados Unidos. As tro-
pas tomaram Monterei; e todo êste território, até San Diego, já faz
parte da República. Vou servir de guia para nossas fôrças militares".
"— Que boas notícias", disse Garnet. "Boa sorte, John, e volte
depressa", acrescentou ela.
Garnet pensou que John fôsse curvar-se para beijá-la. Êle porém,
voltando-se bruscamente partiu correndo.
Garnet não ficou por muito tempo a sós com os seus pensamentos.
Florinda veio vê-la com um **sinal alarmante no rosto.**
"— Uma visita para você, Garnet", disse ela. "E' seu cunhado,
"Cara de Veneno". Quer recebê-lo, ou mando Nickolai expulsá-lo?"
"— Não precisa se incomodar".
Já na porta estava Charles, austero, com as faces pálidas.
"— Geralmente, as cascavéis tocam seu chocalho", bravejou Flo-
rinda. Dizendo isso olhou de maneira interrogativa para Garnet que
lhe fêz sinal para deixá-lo a sós.
"— Vim aqui pedir-lhe que volte à fazenda para que seu bebê
nasça lá"; disse friamente Charles. "Arranjarei as melhores parteiras
para tratá-la". A sua voz era calma e sem rancor. Só em seus olhos
havia sinais de ódio.
Garnet moveu negativamente a cabeça.
"— Texas e Florinda cuidarão de mim", respondeu a moça.
"— Um bêbado e uma decaída!", interrompeu Charles.
"— Basta, sr. Hale!" disse a jovem aborrecida. "Retire-se!"
Charles perdendo as suas maneiras delicadas acrescentou: "— Não
permitirei que o filho de meu irmão nasça aqui. Você voltará comi-
go. Você tem uma dívida com meu irmão, pois foi a causadora de
sua morte. Se êle não a tivesse trazido..."
"— Pare com isso. Deixe-me em paz!" A voz de Garnet tornou-se
histérica e nervosa. "Vá-se! Por favor, vá-se! Não agüento mais". Ela
fêz um esfôrço para levantar-se. Com o barulho Florinda correu para
o quarto seguida por Nickolai. O gigante postou-se na frente de Char-
les com os braços prontos para obrigá-lo a sair à fôrça. Não foi pre-
ciso, entretanto, porque Charles resolveu retirar-se por bem e Nickolai
o acompanhou até a **porta.**

(Continua no próximo número)

RIBALTA

(Continuação da página 37)

Perpétuo Silva, muito bom em todos os tipos que compôs, sobressaindo no Juscelino Kubitschek, que foi uma consagração pela perfeição e semelhança, só faltando o sotaque para ser completo. Parabéns.

Ildefonso Norat, agrada em cheio, apenas nas duas vêzes que aparece.

Pedro Celestino, com sua voz ainda muito boa e bem timbrada, estêve como que deslocado do ritmo carnavalesco da revista. Devia ser mais bem aproveitado se o quadro: "Viúva Alegre", muito bom como idéia, mas muito mal explorado, fôsse realizado com mais luxo, montagem, indumentária e coreografia mais adequada à época, mesmo se tanto estilizada.

Para marcar bem o cunho carnavalesco apareceu o "Trio de Ouro", secundado pela Escola de samba Estela e suas cabrochas, que foi o ponto alto do espetáculo, e, que além de merecer os mais calorosos aplausos da noite, nos fêz rever essa encantadora Lourdinha Bittencourt, que teria um lugar de grande destaque se quisesse voltar ao teatro musicado.

A "Ave Maria no Morro", cantada pelo Trio e pela escola de samba, com seus ritmos, suas marcações, evoluções e sapateados, comandada com entusiasmo exuberante por Herivelto Martins assim como os outros sambas agradaram extraordinàriamente e nos deram a ilusão de já estarmos em pleno reinado de Momo.

Afinal foi um empreendimento que venceu total e integralmente, tais foram os aplausos entusiásticos do público que lotou o teatro e ainda ficou de pé atrás, nas portas e nos lados. "E' Fogo na Pipoca" é revista que vai cair no agrado do público pelo seu feitio alegre e brejeiro e está fadada a enorme sucesso, principalmente financeiro. (A.A.)

CALVÍCIE PRECOCE
Como evita-la!
JUVENTUDE ALEXANDRE
Super eficaz contra
QUÉDA DOS CABELOS
Juventude Alexandre
BELEZA e VIGOR DOS CABELOS

VAMOS CONVERSAR

(Continuação da página 9)

adiantarão algum dia, tenho plena certeza. Quero aproveitar e enviar por intermédio desta nossa querida revista, os meus mais sinceros votos de venturas à Marina Souza e Silva e ao Alfredo Lanzi Kainca por ocasião do seu enlace que se realizou no dia 22 de janeiro último. Aos meus queridos amigos, que tenham ambos acertado na escolha é o meu maior desejo.

Bem, renovo, encerrando a nossa conversa de hoje, o pedido para que me escrevam. Esta seção é para nós. Aproveitemos. Vamos conversar meus amigos?

SADI CABRAL

(Continuação da página 39)

Mastrangello. Finalmente em maio de 1938, assinava o primeiro contrato, pois antes trabalhava a "cachet". Foi na Mayrink, no programa Casé. Lançou então o programa "Amôres Imortais" com Amélia de Oliveira e atuava em "Ribalta do Espaço" que apresentava peças ligeiras.

Em julho de 1938, estreou nos programas de rádio-teatro da Rádio Tupi, para logo em seguida voltar à Mayrink. Em novembro de 1938, querendo fazer coisa melhor e não dispondo de horário, teve a idéia de apresentar "Os Miseráveis" em 4 episódios. Segue-se "O Guarany" e "Florisbela", uma história sertaneja em 6 capítulos. Estava aí o embrião das novelas.

Ainda nesse ano, foi autor laureado pois Vicente Celestino lançou em São Paulo em 23 de agôsto no teatro Sant'Ana a opereta "Bandeirante" original de Sadi e Custódio Mesquita. Em abril de 1939, era escolhido para diretor do Teatro de Operetas da Mayrink, que fêz muito sucesso na época. Em 1940 foi lançado como compositor, escrevendo em parceria com Custódio Mesquita: "Velho Realejo" e "Mulher", gravadas por Sílvio Caldas, mais tarde seguidas pelos sucessos de "Pião" e "Bonequinha". Depois disso, Sadi atuou pràticamente em tôdas as emissoras do Rio.

Em 2 de dezembro de 1944 com a fundação da Rádio Globo, foi convidado para ser ator e assistente da direção de rádio-teatro, cargos que ocupou durante longo tempo. Mais tarde foi diretor de rádio-teatro da Rádio Mayrink Veiga, quando conseguiu formar o "cast" mais homogêneo da estação. Pouco tempo mais tarde era convidado para dirigir o "cast" de rádio-teatro da Rádio Ministério da Educação, tarefa difícil pelo conceito cultural da emissora.

Em abril de 1952 voltou a Globo como diretor de rádio-teatro, mas um ano depois a PRE-3 acabava com êsse setor para se dedicar exclusivamente às reportagens.

Sadi foi, então, convidado para trabalhar na TV-Tupi, onde fêz com muito brilho diversas peças da História do Teatro Universal.

* * *

Em 1934, foi que Sadi Cabral fêz sua estréia no cinema na película "Bonequinha de Sêda", de Oduvaldo Viana. Depois dêsse filme têm sido inúmeras as películas nas quais êle tem tomado parte, dentre as quais destacam-se: "Caminhos do Sul", "A Carne", "Escrava Isaura", "Terra Violenta" e agora "Mãos Sangrentas", em que atua ao lado de Arturo de Cordova como ator e estréia como co-diretor.

* * *

Um setor que não poderia nunca ficar esquecido quando se fala de Sadi Cabral é o teatro. Pois foi no palco que êle teve suas maiores atuações, mostrando a sua grande sensibilidade a versatilidade artística.

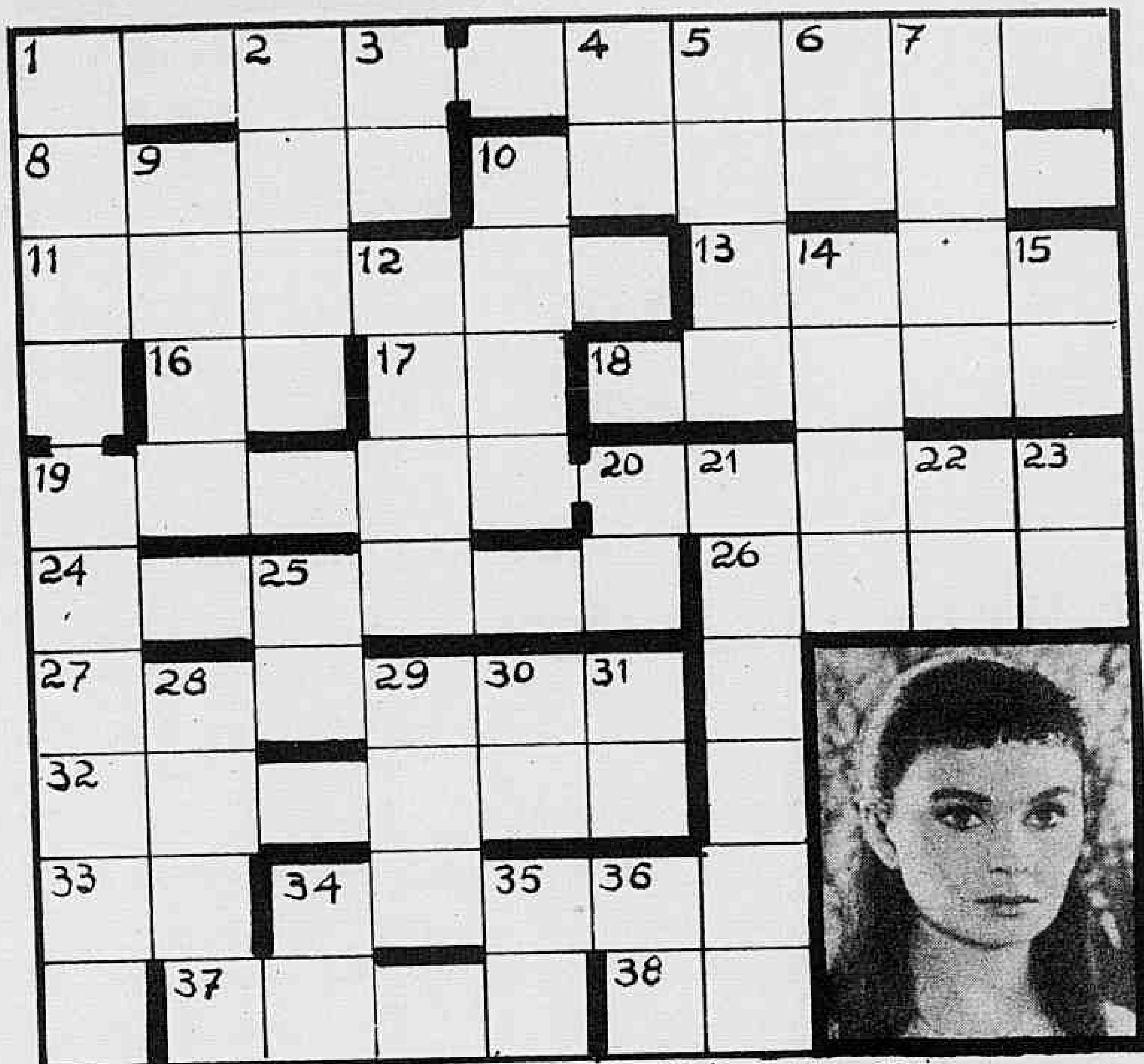
Não podemos esquecer sua atuação em peças como "Santa Joana", com Dulcina e Odilon; "Carlota Joaquina" com Jayme Costa; "Sinha Moça Chorou" com Lúcia Delor; "O Barbeiro de Sevilha"; "Tobacco Road", na inesquecível interpretação do velho Lester; "Elizabeth da Inglaterra" como Lord Cecil ao lado de Henriete Moreneau; e suas incursões no teatro de revista em "Sonho Carioca" com Chianca de Garcia e na última temporada de Renata Fronzi no teatrinho Jardel.

* * *

Pois Sadi Cabral, que tem 31 anos de teatro, 27 de rádio e 20 de cinema e que já revelou uma lista enorme de valores no teatro, rádio, cinema e televisão, parece ter agora encontrado sua trajetória certa, como diretor de cinema.

Vamos ver se agora o seu trabalho será realmente reconhecido por aquêles que só sabem incensar os artistas estrangeiros.

Cine PASSATEMPO



PROBLEMA Nº 4

HORIZONTAIS: — 1. A nossa retratada (sem a última), espôsa de Stewart Granger — 8. Efeito do trabalho — 10. ... Swanson, a estrêla de «Três é de mais» — 11. John..., um dos astros de «Veneração» — 13. O Inferno dos malês — 16. Igreja episcopal — 17. 5º mês dos hebreus — 18. Fernando..., o astro de «A jovem que tinha tudo» — 19. Nome da estrêla de «A vida é uma canção» (sem a última) — 24. ... Dahl, a estrêla de «Sentinelas do deserto» — 26. Orai — 27. ... Flemming, a mulher corsária de «Falcão dourado» — 32 ... Lees; tomou parte no cast de «A cidade se defende» — 33. Sufixo designativo de naturalidade — 34. ... Laurie; vimo-la em «E o noivo voltou» — 37 ... Turner, a estrêla de «Assim estava escrito».

VERTICAIS: — 1. Nome de um dos astros de «O manto sagrado» — 2. Queima — 3. Em a — 4. Símbolo do ilínio — 5. ... Freeman, a estrêla de «Teimosa e valente» — 6. Abr. de míster — 7. O mesmo que oura — 9. Lúcia..., a estrêla de «Roma às 11 horas» — 10. ... Morley, a madre superiora de «Ana» — 12. Embarcação de recreio — 14. Leonora..., a estrêla de «Capitão Scarlett» — 15. Artigo plural — 20. Nome da 7ª letra do nosso alfabeto — 21 ... Mitchum, o astro de «Feitiço branco» — 22. Amasêca — 23. Estudei — 25. Tecido finíssimo — 28. John..., o astro de «Nobre inimigo» — 29. Espécie de flauta usada pelos tziganos rumenos — 30. Abr. de doutor — 31. Em partes iguais — 34. Instrumento agrícola — 35. Instrumento de padejar — 36. Pronome pessoal.

SOLUÇÕES DO PROBLEMA Nº 3

HORIZONTAIS: Janet Leigh — ló — Alida — un — ri — Ray — sal — NW — Donna — dá — Alan — Amar — ota — Lawford — Robertson — Ilka Soares — Silvana — és.

VERTICAIS: Tony — Larson — Eliana — Hayward — Lucille — ir — Dana — dá — Doris — atol — Moore — arnês — ab — ar — ton — sã — asa — kl — Sa.

Academia de Acordeon MASCARENHAS

A mais ampla e moderna academia do Brasil. O mais completo sortimento de músicas para acordeão. Escreva pedindo a lista e encomende pelo Reembolso Postal. Vendas de acordeões Scandalli



RUA SENADOR DANTAS, Nº 7-A, 12º ANDAR -- TELS.: 42-4615 e 42-5453
São Paulo -- Praça Júlio Mesquita, 83, sobreloja
Tel.: 37-5679

Loção XAMBÚ

DÁ BELEZA E VIGOR AOS CABELOS
CONTRA A CASPA E CABELOS BRANCOS
EXITO GARANTIDO



BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº. ......

NOME ....
RUA .... Nº. ....
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

ROCK HUDSON...

(Continuação da pág. 6)

dação especial ao seu amigo, o diretor Raoul Walsh que procurava certo tipo de rapaz para o filme que estava prestes a rodar: «Sangue, Suor e Lágrimas», cujos astros eram Edmond O'Brien e Robert Stack. Apareci, então, numa pontinha e parece que agradei, porque depois já assinava um vantajoso contrato com a Universal e o estúdio jamais deixou de me dar trabalho. Costumava não fazer mais planos porqâue invariàvelmente antes de terminar um filme, já sabia que estava programado para outro, logo que as filmagens daquele fôssem encerradas. Tem sido assim até hoje e com o relativo cartaz que possuo, vou conquistando melhores papéis que me ajudam a fazer um nome mais respeitado. Tanto me bastam para isso papéis como o que interpretei em «Magnificent Obssession» e o de «Giant», êste nos estúdios da Warner Bros. onde me encontro atualmente.

«O Gigante» é baseado na obra de Edna Ferber e desde que li o romance fiquei fascinado pelo personagem central. A vida reservava-me uma surprêsa, pois seria justamente eu o escolhido para vivê-lo no cinema. A alegria foi tão grande que excluí do programa tôdas as demais ocupações e dediquei-me a estudar o papel que reconheço importante e difícil ao mesmo tempo.

Bem, mas voltando à minha vida, posso dizer como encerramento, que sou produto de uma auto-confiança ilimitada e um temperamento capaz de topar qualquer parada.

Se por uma obra do acaso eu tivesse que começar novamente do ponto de partida, confesso que me lançaria à tarefa com o mesmo entusiasmo. E venceria novamente!

MÃOS SANGRENTAS...

(Continuação da pág. 17)

esta assustada, foge, e Adriano vai-lhe no encalço. A criança, cada vez mais aterrorizada, foge sem ver onde pisa e termina rolando uma ribanceira. O presidiário continua e chega ao povoado; alcança o rancho de sua mãe, já idosa, e pede para ver o filho, mas a velha senhora lhe nega êsse direito. Termina a progenitora de Adriano por dizer-lhe que o filho está no monte, cuidando das cabras.

Adriano, completamente desvairado, corre para o monte à procura da criança, certo já de que o menino que vira é o seu filho. Não o encontra; enlouquece. Tomado pela loucura, completamente fora de si, vem pela estrada, como que conduzindo pela mão o filho, dizendo-lhe palavras de carinho e confiança. Aproxima-se dêle o pelotão da polícia. Um dos guardas prepara a sua arma mas o tenente impede que atirem, dizendo: — «Está louco. Não atirem.» Adriano, na sua alucinação, vem andando até ficar frente a frente com o tenente. Foge-lhe da vista turva a figura do policial e vê diante de si a do Chefe de Disciplina dizendo: «Deus não deixará que essas mãos ensangüentadas acariciem o seu filho. Elas o manchariam».

Aos gritos, Adriano retrocede e cai de joelhos. Um grupo de populares passa carregando, inerte, o corpo do menino. Lacônicamente o tenente diz ao sargento: «Cumunique que o último fugitivo foi capturado».

DIVÓRCIO À VISTA!...

(Continuação da pág. 31)

que felizmente não trouxe nenhuma neurose. Voltou tão bem de saúde, mental e física, como quando partira para o «front». Não teve problemas de re-adaptação à vida civil e retomou suas atividades com a maior facilidade. Seu romance com Pamela foi rápido. Conheceram-se e amaram-se. Chegaram logo a conclusão de que deviam recorrer ao casamento para solucionar o problema da distância. Pareciam combinar em tudo, até no gôsto pela vida campestre que sempre foi o grande passatempo de Audie. Êle comprou um bonito rancho em San Fernando Valley e levou Pamela para lá, vivendo então uma vida repleta de emoções felizes.

Depois nasceu Terry Michael e os dois esbanjaram felicidade. Amavam-se, ainda com fervor e nada parecia possível desfazer um romance tão perfeito. Mas, agora Audie vem me dizer que seu casamento foi um fracasso e que o divórcio é a única solução.

Ainda procuro, dentro de meus recursos dialéticos dissuadi-lo do gesto extremo, porém acabo por compreender que será inútil, porque Audie tem a seu favor muitos argumentos que eu não posso destruir com palavras. Lamento apenas que êle não tenha conseguido manter seu casamento à margem de soluções tão desagradáveis.

O pequeno Terry é provável que fique com o pai, já que Audie considera seu filho a razão atual de todo o esfôrço que dispende para ser um grande ator. Foi pensando nêle que Audie solicitou da Universal um melhor gênero de filme, cançado que estava de viver papéis de vaqueiro audacioso que sabe sòmente resolver seus problemas usando revólveres ou punho. É uma pena tudo isso, porém é a realidade. Uma dura realidade que Audie não pôde mudar, embora tenha feito o impossível, assim me disse, para consegui-lo.

50 ANOS EM DUAS...

(Continuação da pág. 19)

do com facilidade. Naturalmente, a caracterização de uma moça como uma mulher velha não se limita apenas ao rosto: foi necessário maquilar tôdas as partes do corpo visíveis, como as mãos e, o que mais deu trabalho: a garganta, com as suas rugas e a pele cansada».

Êsse envelhecimento de 50 anos, que Yvonne de Carlo vive no filme, requereu apenas duas horas de trabalho — esclareceu Westmore — e pode-se imaginar o sucesso que obteríamos se pudéssemos operar de maneira inversa, operando um rejuvenescimento de 50 anos. Na vida real é quase impossível, mas no cinema rejuvenecer é mais difícil que envelhecer.

3 MIL DÓLARES POR 50 ANOS

Yvonne De Carlo, que foi o objeto dessa transformação de idade, achou êsse trabalho emocionante e muito curioso e observa que foi essa a primeira vez num filme que teve de mudar de fisionomia. Mas, sabe-se que os diretores têm muitas vêzes idéias estranhas...

A caracterização requer grande paciência do artista e uma imobilidade quase completa do rosto durante a sua realização. Nenhuma dor causa a colocação desses materiais no rosto; sente-se, apenas, calor, pois a respiração da pele não se faz normalmente, em conseqüência da obstrução dos poros, cobertos por material especial de borracha e por líquidos preparados à base de látex. Êsse processo de maquilagem é muito caro e a operação do envelhecimento de Yvonne custou ao estúdio 3 mil dólares.

Afirma Yvonne que uma despesa dessas se compreende sòmente no cinema, mas quantas mulheres pagariam o dôbro por uma operação contrária...

— Olhei-me ao espelho com grande interêsse, pois pude ter a visão de mim mesma daqui a 50 anos, se Deus permitir que eu viva até lá — disse sorrindo a linda «estrêla»

AGUA PURA
SAÚDE SEGURA
VELAS
SENUN
ESTERILISANTE
FABRICADAS
PELO PROCESSO SENUN



Não sou egoista Desejo que tôdas sejam felizes como eu Por isto, ensino-lhes o segrêdo de minha felicidade: tomo logo que me sinto mal, 2 a 3 colheres do Elixir das Damas — fórmula que dá saúde, fazendo mulheres felizes e belas.

ELIXIR DAS DAMAS

Indicado nas dismenorréas



Marisa Pavan

APESAR de ser na vida real irmã de Pier Angeli, Marisa Pavan teve de lutar muito para conseguir uma oportunidade em Hollywood. Ela, na verdade, não é nenhuma beldade e nem possui dotes físicos que a compare a uma Marilyn Monroe ou Gina Lollobrigida, porém seu talento dramático é coisa fora de dúvida. Uma artista em tôda a extensão do termo! Seu filme de estréia, «Rajadas do Ódio» (Drum Beat), da Warner, tem como astro principal Alan Ladd. Um bom começo para Marisa! (Foto Warner).

UM TELEFONE PARA ANNE FRANCIS



GONZALO PALACIOS

FAZ REVELAÇÕES

SÔBRE ANNE FRANCIS

Anne Francis é uma das «estrêlas» de maior «sex-appeal» em Hollywood. Vocês não concordam?

QUANDO fiz esta reportagem com Anne Francis sabia perfeitamente que os leitores acabariam por achar um tanto «ridículo» o título que lhe dei, porque no final das contas ninguém conseguiria encontrar nas fotos que a ilustram, o telefone de que fala o mesmo título. Mas, como deixar de mencionar o telefone se êsse foi o desejo de Miss Francis? Ela frisou bem, quando nos despedimos:

— Não esqueça, Gonzalo, de mencionar o precioso telefone...

No caminho, do estúdio para a redação de minha revista, passei em revista aos fatos da reportagem e a ligação (simbólica naturalmente) do telefone na carreira de Anne Francis.

A sua adorável ingênuidade ao mencionar o invento de Graham Bell como importantíssimo na sua vida de artista, havia arrancado de mim, que sou conhecido sisudo de Hollywood, um sorriso de simpatia.

— Em «Romance de Minha Vida» me deram a oportunidade de interpretar um bom papel. No filme, eu uso vestidos maravilhosos e sofisticados e tenho um lindo e elegante telefone junto à minha luxuosa cama e em seis cenas distintas, eu uso o aparelho para me comunicar com alguém... Você deve saber, Gonzalo, que cenas como essas, com telefone, fizeram a felicidade Louise Ranier e foi com elas que essa admirável artista do passado ganhou um prêmio da Academia quando interpretou «O Grande Ziegfield». Convém não esquecer que Agnes Moorehead também conquistou aplausos usando um telefone em «A Vida por Um Fio», assim como Laraine Day teve seu maior papel dramático usando um telefone em «Angústia de uma Vida»...

Como argumento, Anne Francis estava cheia de razão, achando que o telefone nas cenas de «Romance de Minha Vida», que filmava nos estúdios da RKO, ajudaria muitíssimo sua carreira em Hollywood. A fé que ela depositava nesse detalhe tão simples é que me deu a certeza de estar diante de uma jovem de espírito, cujo coração ainda pode abrigar tanta inocência e tão deliciosa simplicidade.

Falamos depois de muitas coisas. Ela me contou que estava muito contente por haver terminado sem contrato com a Fox, pois só assim teve oportunidade de ser convidada pela RKO para um grande papel em «Romance de Minha Vida», no qual contracena com Dick Powell e Debbie Reynolds. Antes de ingressar no cinema, Anne Francis era uma pequena que perseguia a glória atuando no rádio e posando para fotos de publicidade. Foi também modêlo de modas e já atuou na televisão, fazendo tudo isso com sucesso.

O seu gênero preferido no cinema é o drama e a classe de papéis: os de «vamp». Ela adora viver a parte de uma mulher jovem que conquista os homens com o olhar e com o porte sedutor. Particularmente, porém, é criatura calma e sem o menor traço da «vampiresca» da tela...

Uma cena de «Romance de Minha Vida», o filme que será a grande oportunidade de Anne Francis no cinema. Com ela, na película da RKO; Dick Powell e Debbie Reynolds.







Pierre Michel Beck é considerado um dos atores juvenis de maior talento no moderno cinema da Europa. Em «Amor de Outono» (Le Blé en Herbe), Pierre supera sua atuação anterior em «Rebento Selvagem». Pierre Michel Beck tem cenas fortíssimas com Edwige Feuillere em «Amor de Outono», dirigido por Claude Autant Lara.



PIERRE MICHEL BECK

HOLLYWOOD PERDE PARA O CINEMA EUROPEU NO TERRENO DAS REVELAÇÕES JUVENIS ★ PIERRE MICHEL BECK É UMA PROVA, ENTRE AS MUITAS, ÙLTIMAMENTE...

JÁ se foi o tempo em que Hollywood era o único centro produtor de filmes do mundo a apresentar revelações infantis e juvenis em suas peliculas. Talentos juvenis como o de Mickey Rooney, Freddie Bartollomew, Judy Garland, Deanna Durbin, são coisas do passado. Os artistas precoces em Hollywood aparecem agora, raramente. Em alguns anos de produção ininterrupta, Hollywood nos brindou apenas com Margaret O'Brien e Dean Stockwell. Sua maior glória infantil até hoje (e ainda insuperada) foi Shirley Temple, já retirada do cinema.

Enquanto Hollywood perdia a posição previlegiada, o cinema europeu começava a mostrar ao mundo suas revelações precoces. Queremos falar aqui do talentoso artista juvenil Pierre Michel Beck, cujo primeiro filme exibido no Brasil foi «Rebento Selvagem». Pierre Michel Beck tem agora melhor oportunidade em «Amor de Outono», dirigido pelo poeta da câmara, Claude Autant Lara. Pierre contracena com a fabulosa Edwige Feuillere e sua interpretação marcará ainda mais a sua presença no cinema francês! (Foto França Filmes).

Como a "estrêla" era também sua espôsa e êle fôsse muito ciumeto, marcava no cronômetro os beijos que ela trocacova com o "galã" do filme.



FAZENDO FITA...

TEXTO DE IVON DICK
DESENHOS DE L.LLÉO.S.

Responda logo: Basta ser barbado para trabalhar no cinema brasileiro?

Quando um artista fica na «reserva» em Hollywood, viaja para a Europa. Recupera o cartaz...

Aquêle filme de «gangsters» era tão violento, mas tão violento, que no final sobravam apenas as metralhadoras...

MARILYN DAVA-LHE TODOS OS DIAS UM SORRISO QUANDO PASSAVA. E NADA ACONTECIA. O RAPAZ ERA CEGO!

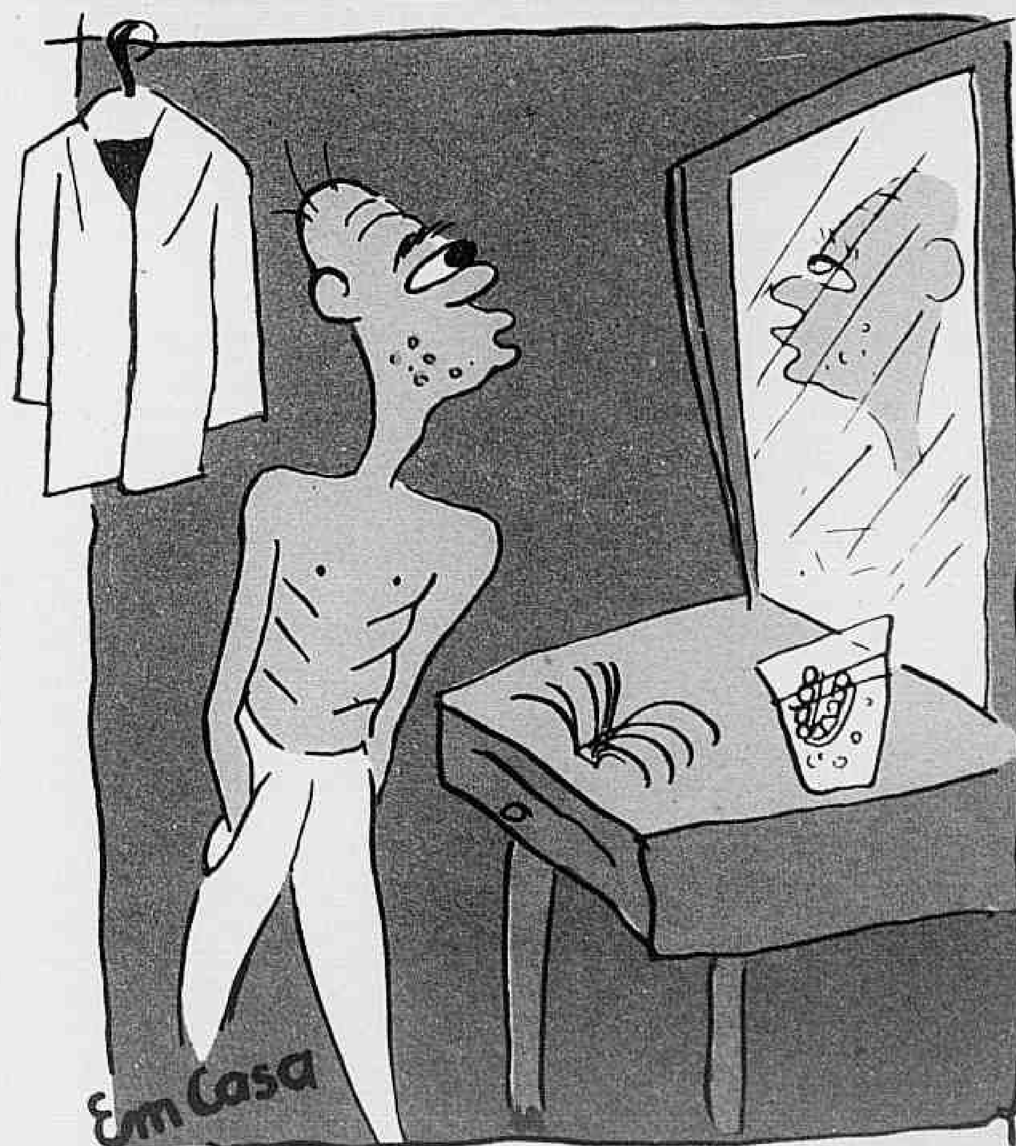
★

Muito tarde a equipe descobriu que a tribo que participava das filmagens em plena África era de canibais. O menu do almôço trazia em letras garrafais: HOJE — PRATO ESPECIAL — «ESTRÊLA» DE HOLLYWOOD AO MÔLHO PARDO.





Qaundo José Ferrer, caracterizado como Cyrano de Bergerac passou pelo camarim da "estrêla", ela muito prática, aproveitou a ocasião e trocou de roupa...



ERA UM PINTOR BIRUTA. QUIS ENTRAR À FÔRÇA NO CINEMA, COM PINCÉIS E TUDO, QUANDO SOUBE QUE O FILME ERA EM TELA PANORÂMICA...

AOS GAROTOS MODERNOS NÃO SE DEVE PERGUNTAR COM QUEM GOSTARIAM DE VIVER NUMA ILHA DESERTA. A RESPOSTA SERIA UMA SÓ: MARILYN MONROE.



ESTA menina-moça chama-se Conchita Mascarenhas e é a espôsa feliz de Mario Mascarenhas, o ídolo do acordeon. Conchita vem de ser escolhida para o papel de «estrêla» de «O Ídolo da Cidade», atuando ao lado de seu espôso. Surge assim mais uma «estrelinha» do cinema nacional e por tudo que Conchita pode apresentar seu sucesso é coisa garantida. (Foto Avila)